

UMA PROPOSTA FORMAL PARA A REANÁLISE DO VERBO *IR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DE LEXICAL A FUNCIONAL¹

A FORMAL PROPOSAL FOR THE REANALYSIS OF THE VERB *IR*
IN BRAZILIAN PORTUGUESE: FROM LEXICAL TO FUNCTIONAL

Paulo Ângelo de Araújo-Adriano² | [Lattes](#) | pauloangeloaa@gmail.com

UNICAMP

Resumo: Muitos linguistas já mostraram que a expressão de futuridade das línguas românicas sofre um processo cíclico, alternando-se ora em uma forma sintética ora em uma forma perifrástica. Isso se deve pela reanálise de algum item que se torna (mais) funcional, substituindo a forma sintética. Nesse sentido, o presente trabalho investiga o fenômeno de reanálise do verbo *ir* com o objetivo de capturar as mudanças sintáticas que esse item sofreu na história do PB. Para tanto, analiso peças teatrais brasileiras do século XVI ao século XXI. Mostro que o verbo *ir*, inicialmente, comportava-se como verbo lexical, disparando uma leitura de movimento. Mais tarde, sofreu reanálise e passou a ser funcional, apresentando propriedades de auxiliar. A inovação deste trabalho é mostrar que o verbo *ir* não sofreu reanálise diretamente para veicular futuridade, um evento em potência. Ao contrário, parece ter havido um estágio anterior nesse processo, em que *ir* veicula prospecção, isto é, uma ação que ocorre imediatamente após a fala. Assumindo Roberts e Roussou (2003) e Roberts (2007), proponho que de lexical a funcional, duas consequências sintáticas emergiram: perda de traços formais e lexicalização ascendente das projeções funcionais. Assim, este estudo apresenta uma proposta formal explicativa para a reanálise do verbo *ir* no PB.

Palavras-chave: Verbo *ir*; Verbo auxiliar; Verbo lexical; Gramaticalização; Mudança sintática.

¹ Agradeço à CAPES por ter financiado a minha pesquisa de mestrado, da qual este artigo é parte. Agradeço também aos dois pareceristas anônimos que contribuíram com as indagações e sugestões ao trabalho. Ainda que nem todas as questões tenham podido ser contempladas, elas serão levadas em consideração em trabalhos futuros.

² Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP, na área de sintaxe diacrônica sob uma perspectiva da Gramática Gerativa. <http://orcid.org/0000-0002-9884-0723>

Abstract: Some authors have already showed that the Romance futurity expression went by a cyclic process, alternating between a synthetic form and a periphrastic one. This is due to the reanalysis of some item that becomes (more) functional, replacing the synthetic form. In this sense, this paper investigates the reanalysis phenomenon of verb *ir*, aiming to capture the syntactic changes this item went by on BP history. Therefore, we analyze Brazilian roles from the 16th to the 21st century. We show that the verb *ir* behaved as a lexical verb, conveying spatial displacement, initially. Later, such verb was reanalyzed and became more functional, behaving like an auxiliary. The innovation of the present study is to show that verb *ir* did not go by a reanalysis directly to convey futurity, a potential event. Instead, there seems to have been a previous step in that process, where *ir* conveys prospection, i.e., an action that happens immediately after the speech. Assuming Roberts and Roussou (2003) and Roberts (2007), we propose that two syntactic consequences have arisen from lexical to functional verb: lose of formal features and an upward functional projections lexicalization. Thus, this paper features a explanatory formal proposal to the verb *ir* reanalysis in BP.

Keywords: Verb *ir*; Auxiliary Verb; Lexical Verb; Grammaticalization; Syntactic change.

Introdução

A partir de Lightfoot (1979), a Teoria Gerativa passou a encarar a mudança diacrônica como resultado de uma análise estrutural errônea, porém compatível com os dados, ocorrida no período de aquisição da linguagem. Dessa maneira, considerando que a língua-I (LI) dos pais é fruto de uma gramática nuclear mais uma gramática periférica (local dos empréstimos, invenções, escolarização), a criança não tem necessariamente acesso direto à gramática dos pais (GU), já que o ambiente linguístico (a língua-E) que nutriu sua GU é diferente do ambiente daqueles. Considerando que a criança ouve nos seus dados linguísticos primários (DLP) estruturas compatíveis com mais de uma gramática, caso a criança opte pela análise “correta”, isto é, a análise que leva à estrutura dos DLP, a sua gramática será como a dos pais. Porém, caso a análise feita seja “errônea”, ou seja, uma análise da estrutura que não necessariamente chegue à estrutura que lhe serviu de *input*, a gramática da criança será superficialmente semelhante à dos pais, porém estruturalmente divergente; em outras palavras, haverá mudança. Tal mudança ocorre quando os DLP aos quais a criança teve acesso mudam de forma significativa, a ponto de ela ter como evidência positiva, quando da aquisição, estruturas diferentes das que seus pais tiveram.

Na história das línguas românicas, percebemos que existe certa alternância pelas formas de futuro, processo inclusive chamado de *cíclico* por Fleischman (1982): ora uma forma perifrástica ora uma forma sintética. Essa configuração parece ser aplicada a todas as línguas românicas e, de certa forma, até mesmo ao inglês.

No tocante ao português brasileiro (PB), ao se fazer um mapeamento do percurso linguístico do tempo futuro, muitos trabalhos levam em consideração somente aspectos sociolinguísticos, sem trazer à tona que tipo de conhecimento linguístico o falante passou a adquirir, ou, até mesmo, quais consequências a preferência pela forma perifrástica gerou no sistema do PB como um todo.

Nesse contexto, este artigo tem como foco um fenômeno fundamental para que esse processo cíclico tenha ocorrido, em especial no PB: a reanálise do verbo *ir*. Assumindo que o ponto de vista cria o objeto, pautamo-nos nos pressupostos da Gramática Gerativa e, portanto, questões relativas à arquitetura da linguagem fazem-se relevantes. Dessa forma, este trabalho analisa o verbo *ir* na história do PB, com o objetivo de verificar quais mudanças sintáticas ocorreram ao longo do tempo no seu processo de gramaticalização e propor uma explicação formal para a reanálise de *ir*: de lexical a funcional.

Para tanto, uma vez que a Gramática Gerativa levanta questões referentes ao conhecimento linguístico do falante, consideramos que o conjunto de dados que mais se assemelha ao que foi produzido em sincronias passadas são as peças de teatro. Disso, analisamos como *corpus* peças brasileiras do século XVI ao século XXI, controlando o verbo *ir* fazendo as vezes de um verbo com uma leitura de deslocamento espacial, como em (1a), e temporal, como em (1b) e (1c).

- (1) a. Maria vai para a escola todos os dias.
- b. Desculpa, vou espirrar.
- c. Considerando a altura dos meus pais, eu vou ser alto.

Nossa hipótese principal, baseada em trabalhos anteriores (ARAÚJO-ADRIANO, 2016, 2017), é a de que a multiplicidade de leituras do verbo *ir* em (1) pode ser um indicio de diferentes estágios de sua reanálise; assim, *ir* não teria sido reanalisado diretamente de verbo lexical (1a) a verbo funcional que veicula futuro em (1c). Espera-se que tenha havido uma etapa intermediária, em que uma expressão aspectual, associada à leitura de prospecção (como em (1b)), também esteja envolvida nesse processo.

Este artigo está organizado da maneira como se segue. Em §1 apresentamos as possíveis leituras do verbo *ir*. Em §2 mostramos qual a abordagem assumida para a reanálise

e mudança sintática. Em §3 apresentamos o *corpus* e também os resultados da pesquisa diacrônica, para que em §4 possamos propor uma análise explicativa. Finalmente, em §5, tecemos algumas considerações finais sobre o fenômeno explorado.

1 Das facetas do verbo *ir*

É amplamente assumido e aceito na literatura que o verbo *ir* sofreu reanálise (ou gramaticalizou-se) de verbo que expressa movimento espacial a verbo que expressa movimento temporal – um processo direto de lexical a funcional (cf. BRAGANÇA, 2009; GONÇALVES, 2012; GIBBON, 2014; por exemplo). Porém, com um olhar mais atento, percebe-se que, na realidade, tanto na diacronia quanto na sincronia o verbo *ir* veicula uma leitura adicional: a de prospecção. Nesta seção, trazemos as leituras disparadas pelo verbo *ir*, evidenciando suas principais propriedades, que nos servirão para nossa proposta explicativa do fenômeno.

1.1 A natureza lexical de *ir*

O verbo *ir* pleno é um verbo que indica locomoção espacial, em que um sujeito se locomove de um lugar L1 para um lugar L2, como observado em (2): o sujeito *meus filhos* locomove-se de algum lugar para outro lugar, *o clube*:

- (2) Meus filhos vão para o clube nos sábados.

Na gramática tradicional, o PP locativo *para o clube* normalmente é tratado como um adjunto adverbial. Porém, podemos perceber que esse PP na verdade é um complemento, quando aplicamos alguns testes sintáticos, quais sejam, (i) verbo de atividade/processo (*fazer*); (ii) supressão dos PPs envolvidos e (iii) extração longa em contexto de ilha (MATEUS ET AL., 2003). Assim, referente a (2), o teste (i) é aplicado:

- (3) a. O que meus filhos fazem nos sábados? (vão para o clube).
b. *O que meus filhos fazem para o clube? (vão nos sábados).

Esse primeiro teste prevê que, quando se constroem interrogativas com o verbo *fazer* e apenas um dos constituintes preposicionados (PP), o contraste de gramaticalidade diz respeito aos dois PPs envolvidos. Em (3a), *fazer* pode se combinar com o PP *nos sábados*, o que sugere que ele não é complemento de *ir*, mas um adjunto. Por outro lado, (3b) mostra que o PP *para o clube* é um complemento, já que, quando da sua supressão, a sentença torna-se agramatical.

O segundo teste seria o da supressão dos PP's. Em (4a), o PP *para o clube* não é facilmente suprimido em um contexto *out of the blue* ('do nada'), muito embora *nos sábados*, em (4b), o seja. Assim, a supressão do PP *para o clube* sugere que a valência do verbo *ir* não é satisfeita em (4a), já que necessita de um PP locativo como complemento.

- (4) a. *Meus filhos vão nos sábados.
b. Meus filhos vão para o clube.

Por fim, o terceiro teste constrói um ambiente de ilhas, de cuja configuração somente posições argumentais (argumento interno e argumento externo) podem ser extraídas. O movimento longo a partir de uma posição não argumental, como o PP *no sábado*, gera uma sentença agramatical (cf. (5d)):

- (5) a. Você não sabe que [meus filhos vão para o clube no sábado].
b. Quem você não sabe que [vai para o clube no sábado]?
c. Para onde você não sabe que [os meus filhos vão no sábado]?
d. *Quando você não sabe que [os meus filhos vão para o clube]?

Disso, pode-se concluir que o PP locativo que marca o lugar de destino em construções com o verbo *ir* é um constituinte imediato do verbo, i.e., é um complemento subcategorizado pelo V. Vale notar que Rocha Lima (1972) já considerava *ir* como transitivo circunstancial, nesses casos em que pede um argumento locativo, e não um verbo intransitivo sem argumento interno.

Ainda sobre *ir*, por requerer um complemento PP, é necessário que esse verbo pleno selecione um argumento locativo (cf. contraste entre (6a-c) e (6d)), independente da preposição que encabeça tal argumento (*a, para* ou *em*), nem que tal argumento seja recuperado pelo contexto (cf. (6e)), como os exemplos abaixo mostram:

- (6) a. Meus filhos vão [_{pp} à/para a escola] de carro.
b. Minha mãe, para exercitar um pouco, vai [_{pp} ao centro] a pé.
c. Todo estudante, uma vez na vida, vai [_{pp} no bandejão].
d. *Aos fins de semana, eu vou [_{DP} o parque].
e. P: Como você vai para a cidade dos seus pais?/R: Eu vou Δ de carona (Δ = [_{pp} para a cidade dos meus pais]).

Para além da seleção da categoria com a qual ocorre, outra propriedade de *ir* pleno é a capacidade de selecionar semanticamente seu argumento externo. O exemplo (7), abaixo, sugere que *ir* seleciona um DP com traço [+ANIMADO]³, independente de ser [± HUMANO]: a restrição recai sobre sujeitos que sejam capazes de se locomover.

- (7) a. *A caneta_[-ANIMADO; -HUMANO] vai para o parque.
b. Meus amigos_[+ANIMADO; +HUMANO] vão para o parque.
c. O cão_[+ANIMADO; -HUMANO] vai para o parque.

Do ponto de vista morfológico, somente verbos lexicais estão sujeitos à nominalização (cf. RESENDE, 2000). Assim, conforme vemos em (8), é verdade que, assim como o verbo lexical *dever* com uma leitura de *estar em dívida* / *débito*, *ir* pleno também apresenta nominalizações (cf. (9)), com uma leitura de *deslocamento*:

- (8) A dívida de Carlos com o banco já passa de R\$ 50 mil.
(9) A ida da Maria à padaria foi rápida (cf. o deslocamento da Maria à padaria foi rápido).

Vimos que existe uma contraparte lexical do verbo *ir* que apresenta certas propriedades prototípicas de verbos plenos, quais sejam, seleção categorial do complemento interno, seleção semântica do DP sujeito e disponibilidade para nominalizações. Resgatando a proposta formal de Lunguinho (2011), para quem verbos lexicais portam um traço que não os “obriga” a selecionarem uma projeção verbal, um traço *iV*, assumimos que o verbo *ir* como um verbo lexical é uma categoria verbal que porta traços *iV*. Além disso, *ir* pleno restringe o papel temático do seu DP argumento externo como [+ANIMADO] e também o do seu argumento interno [+LOCATIVO], propriedade característica de verbos plenos (ao contrário dos auxiliares, que não selecionam semanticamente seu complemento, conforme se verá adiante).

³ Há alguns casos em que é possível haver um DP sujeito com traços [-ANIMADO]. Porém, se considerarmos que tais sentenças são formadas por “são levadas/transportadas/enviadas” por algum sujeito com traço [+ANIMADO], a restrição de seleção semântica do *ir* lexical se mantém:

- (i) a. Os ovos vão no porta-malas (= os ovos estão sendo transportados no porta-malas pelo [motorista_[+ANIMADO]]).
b. O carro está indo tão cheio para Santos, que acho que a mala vai no colo (= a mala é levada para Santos por [mim_[+ANIMADO]]).
c. Esse malote vai para Campinas (= esse pacote é enviado para Campinas por [alguém dos correios_[+ANIMADO]]).

1.2 A natureza auxiliar de *ir*

Ao lado de uma contraparte lexical, *ir* também se comporta como um auxiliar prototípico, por exibir propriedades intrínsecas a essa classe, quais sejam, (i) subcategorizar um complemento de natureza verbal; (ii) não figurar em uma sentença com advérbios de valores temporais distintos; (iii) não s-selecionar um DP sujeito, (v) manter o mesmo sentido quando da transformação ativa/passiva e (vi) apresentar coesão estrutural com seu domínio não finito.

A primeira propriedade diz respeito ao fato de que os auxiliares subcategorizam seu complemento. Os exemplos abaixo mostram que tais verbos necessariamente selecionam um verbo. Em (10), o auxiliar prototípico *ter* necessariamente seleciona um VP como complemento. Tal comportamento também é observável em *ir*, como se vê em (11).

- (10) a. *Políticos tem [_{CP} que considerado isso].
b. Políticos tem [_{VP} considerado isso].
(11) a. *Políticos vão [_{CP} que considerar isso].
b. Políticos vão [_{VP} considerar isso].

Outro comportamento observável nos auxiliares é a impossibilidade de se ter advérbios com valores temporais distintos na mesma sentença. Dada a coesão forte entre o auxiliar e o seu domínio não finito, uma possível modificação temporal afeta a interpretação da sentença na sua totalidade. Em (12a), abaixo, a agramaticalidade ocorre por haver duas modificações temporais distintas atuando sobre uma unidade estrutural, o que não ocorre em (12b), em que há somente uma modificação temporal na sentença. Em (12c) vê-se que *ontem* modifica a sentença matriz (*o banco avisou*) e *amanhã* a sentença encaixada pelo auxiliar.

- (12) a. *Ontem, o banco pode/deve abrir amanhã.
b. O banco pode/deve abrir amanhã.
c. Ontem, o banco avisou que pode/deve abrir amanhã.

Sob o ponto de vista semântico, os auxiliares não selecionam o sujeito da sua sentença, no que se refere a se \pm ANIMADO, \pm HUMANO, entre outros, isto é, não impõem restrições de seleção semântica ao DP sujeito da sentença. Nos exemplos abaixo, vemos que pelo fato de *o queijo* ser selecionado por *apodrecer* (13b), uma sentença com auxiliar, seja

em (13a), seja em (14a), é completamente gramatical. O quadro não é o mesmo com *o queijo* e *cantar*: tal verbo seleciona um sujeito que seja no mínimo +ANIMADO, como *pássaro*, por exemplo. Assim, a agramaticalidade de (13c) e (14b) não ocorre por uma seleção do sujeito pelo auxiliar *ter* e *ir*, respectivamente, mas pela restrição semântica do verbo encaixado, no caso, *cantar*:

- (13) a. O queijo tem apodrecido.
b. O queijo apodrece.
c. *O queijo tem cantado.
d. *O queijo canta.
- (14) a. O queijo vai apodrecer.
b. *O queijo vai cantar.

Quando de uma transformação da voz ativa para a voz passiva, não se espera que haja mudança de significado no contexto de um verbo auxiliar, pois o DP sujeito, que é selecionado pelo verbo pleno na ativa, continua portando o mesmo papel temático na passiva, já que o auxiliar não tem essa propriedade de seleção, conforme mostrado acima. Em (15) e (17), o DP *as cozinheiras* tem um papel temático de agente tanto na sentença ativa (cf. (15a) e (17a)) quanto na passiva em (15b) e (17b). Por outro lado, no exemplo (16), o DP *a Maria* na voz ativa tem um papel de agente, o que difere do seu papel temático na passiva DP. Tal contraste mostra que *querer* não seria um auxiliar.

- (15) a. As cozinheiras têm assado [DP bolos].
b. [DP Bolos] têm sido assados pelas cozinheiras.
- (16) a. A Maria quer encontrar [DP o Pedro].
b. [DP O Pedro] quer ser encontrado pela Maria.
- (17) a. As cozinheiras vão assar [DP bolos].
b. [DP Bolos] vão ser assados pelas cozinheiras.

Algumas das propriedades arroladas acima acabam sendo derivadas de outra propriedade dos auxiliares: a coesão estrutural formada entre o auxiliar e o seu sintagma verbal complemento. Certos testes na literatura para evidenciar tal coesão são os da retomada anafórica e o da clivagem (cf. GONÇALVES; COSTA, 1999). Para o primeiro teste, se, num par pergunta-resposta, a pergunta integrar o primeiro verbo da sequência

verbal, e a resposta contiver exclusivamente o verbo não finito, não se está diante de uma unidade sintática, pois o verbo com o domínio não finito não formaria uma mesma estrutura e, portanto, poderia ser cindido. O exemplo (18) mostra que o complexo verbal *quer viajar* pode ser cindido quando do par pergunta-resposta, o que sugere que não formam uma unidade sintática: funcionam como constituintes independentes. Entretanto, em (19) e (20), a agramaticalidade do par ocorre justamente pela impossibilidade de se *quebrar* uma unidade coesa: o auxiliar e seu XP complemento.

(18) O Mario Alberto quer viajar para a Europa.

P: O que é que o Mario Alberto quer?

R: Viajar para a Europa.

(19) A Maria tem viajado para a Europa.

P: *O que é que a Maria tem?

R: Viajado para a Europa.

(20) A Maria deve/pode viajar para a Europa.

P: *O que é que a Maria pode/deve?

R: Viajar para a Europa.

O segundo teste a ser usado, a fim de se verificar a coesão estrutural dos auxiliares, é o da clivagem, formulado da maneira como se segue: a clivagem do domínio não finito só é possível se dois verbos não formam uma unidade sintática, na esteira de Gonçalves e Costa (1999). Dessa maneira, em (21a), o domínio não finito de *quer* não forma com esse verbo uma estrutura única; enquanto em (21b) e (21c), sim: não é possível clivar o XP complemento do verbo, o que evidencia uma unidade sintática.

(21) a. É escrever um livro que o Iuri quer (cf. Iuri quer escrever um livro).

b. *É escrito um livro que a Maria tem (cf. A Maria tem escrito um livro).

c. *É escrever um livro que o Iuri vai (cf. Iuri vai escrever um livro).

As propriedades dos auxiliares arroladas acima são derivadas, como propõe Lunguinho (2011), se os auxiliares (i) portarem um traço uV , (ii) não atribuírem papel temático e (iii) formarem unidade sintática com o verbo lexical complemento. O traço uV força os auxiliares a se concatenarem única e exclusivamente com um complemento verbal (cf. (10) e (11)). Assim, por selecionarem um VP, e não um CP, figuram em uma

sentença que está sob escopo de uma mesma Fase CP (cf. CHOMSKY, 2001); logo, com um único domínio temporal (cf. (12)). Por não atribuírem papel temático, podem co-ocorrer com qualquer tipo de sujeito (cf. (13) e (14)) e, pelo fato de ser o verbo lexical que restringe o DP sujeito, quando da passagem da ativa para a passiva, os papéis temáticos dos argumentos na ativa continuam sendo os mesmos na passiva (cf. (15), (16) e (17)). Por fim, a formação de unidade sintática entre o auxiliar e o verbo principal deriva a impossibilidade de isolamento do domínio não finito quando de um par pergunta-resposta (cf. (18), (19) e (20)) e quando de uma clivagem (cf. (21)).

Para além da restrição de ser concatenado com um complemento de natureza verbal (derivada do traço uV do auxiliar), o verbo *ir* demonstra certa restrição quanto ao tipo de verbo com o qual se concatena. Isso quer dizer que *ir* não seleciona qualquer tipo de verbo: sua dependência morfossintática específica que a forma do seu VP complemento seja infinitiva (cf. LUNGUINHO, 2006; 2011; RESENDE; ARAÚJO-ADRIANO, 2019). Como proposta explicativa para o fato em (22), esses autores argumentam que *ir* porta um traço de seleção [*IRREALIS*], o que faz com que somente uma forma não finita seja concatenada a ele: o infinitivo. Assim, o gerúndio tendo um traço [*IMPERFECTIVO*] e o particípio, um traço [*PERFECTIVO*] (cf. LUNGUINHO, 2011), o único complemento disponível para *ir* é o infinitivo:

(22) a. João vai sair/*saindo/*saído

b. João vai_[irrealis] sair_[irrealis]

Finalmente, sob o ponto de vista morfológico, somente os verbos lexicais, não os funcionais, estão sujeitos à nominalização, como mostrado para a contraparte lexical de *ir*. É o que vemos em (23), abaixo, com a impossibilidade de *ir* auxiliar apresentar uma nominalização. Percebe-se que *ida* só está disponível para *ir* lexical, com a leitura de deslocamento (conforme vimos em (9)), mas não para *ir* auxiliar/funcional.

(23) *A ida da viagem da Maria para a Europa (cf. Maria vai viajar para a Europa).

1.2.1 A leitura de evento em potência do auxiliar *ir*

Lunguinho (2011) demonstra que *ir* com uma leitura de futuridade e os modais epistêmicos apresentam um comportamento semelhante: ambos mostram (i) restrição de seleção de um verbo infinitivo (cf. (22) e (24)), e (ii) defectividade quanto ao seu

paradigma, o que quer dizer que não há no seu paradigma a forma não finita, conforme elucidada (25).

- (24) a. A carta pode/deve chegar amanhã.
b. *A carta pode/deve chegando.
c. *A carta pode/deve chegada/chegado.
- (25) a. A Ana tinha *ido/#podido/*devido sair
b. A Ana está *indo/#podendo/*devendo sair
c. A Ana *indo/#podendo/*devendo sair vai ser engraçado
d. A Ana vai/ia/pode/podia/deve/devia sair.

Diante desses dados, Lunguinho (2011) argumenta que a semelhança entre a defectividade dos verbos apresentados ocorre porque *ir* é um verbo de natureza modal, já que apresenta as mesmas restrições dos modais epistêmicos. Como tais modais disparam uma leitura de possibilidade e probabilidade, tais nuances, de certa forma, aparecem também no verbo *ir* na sua leitura *irrealis*, de evento em potência.

Irrealis está sendo entendido, na esteira de Roberts (1990), como um evento pertencente a um domínio do hipotético ou imaginário e, como tal, constitui um evento possível ou potencial; mas isso não é um fato observável da realidade. O modo *irrealis* pode ser veiculado de diferentes maneiras, segundo Elliott (2000), a saber: (i) eventos potenciais (com nuance de futuridade), (ii) evento condicional, (iii) evento com nuance de modalidade (deontica e/ou epistêmica) e (iv) comandos (em construções imperativas).

Talvez a leitura que seja mais relevante para o presente trabalho seja a de eventos potenciais, isso porque, segundo Elliott (2000, p. 70), tal leitura implica futuridade, já que “um evento que não foi iniciado pode ser visto como tendo o potencial para ocorrer em algum ponto no futuro”.

Entendemos, então, a partir de Elliott (2000), que a diferença entre as sentenças em (26) é que “está chovendo” reporta um fato observável no tempo presente, enquanto em “vai chover” o evento ainda não ocorreu, embora seja uma projeção do que vai acontecer no futuro.

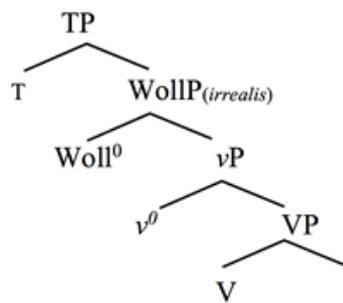
- (26) a. Está chovendo.
b. Vai chover amanhã.

Os linguistas formais que têm trabalhado com o tempo futuro no inglês e no PB, por exemplo, consideram que a leitura de futuridade é derivada a partir de um núcleo

funcional relacionado ao *irrealis*, o WollP. Assim, futuro seria uma combinação de dois núcleos funcionais, a saber, um núcleo temporal (TP) e um núcleo modal (WollP), imediatamente c-comandado por TP. Assumindo Wurmbrand (2007), para quem o futuro do presente (*will* do inglês) seria derivado por um T[PRESENTE] mais uma base modal Woll desprovida de Tempo e o futuro do pretérito com um T marcado como passado (*would* do inglês), Lunguinho (2011), para o português, propõe que a semelhança de *ir* com os modais epistêmicos (cf. (24) e (25)) é derivada do componente modal woll de WollP. Dessa maneira, futuro do pretérito *ia* seria derivado a partir da relação entre T[PASSADO] e Woll, enquanto o futuro do presente com T[PRESENTE] e também Woll.

(27) Formação do Futuro em português (LUNGUINHO, 2011):

- a. *ia* = T[PASSADO] + woll
- b. *vou* = T[PRESENTE] + woll
- c.



Como já defendido por muitos trabalhos (cf. ABUSCH, 2004; LUNGUINHO, 2006, 2011; WURMBRAND, 2007; RESENDE; ARAÚJO-ADRIANO, 2019), construções de futuridade albergam um traço *IRREALIS*. Dessa maneira, assumimos⁴ que o núcleo *woll* tem traços *IRREALIS* que vão ser relacionados a uma leitura de um evento potencial, no componente semântico. Essa leitura, em uma lógica reichenbachiana, estaria associada à relação dada em (28): tomando *vai chover amanhã* como parâmetro, *chover* está concomitante à referência, *amanhã*, ambos depois do momento da fala. Se o evento vai acontecer ou não, não é possível saber, porém explicita-se um evento em potência.

(28) S_R,E⁵

⁴ Nota-se que essa associação do traço *IRREALIS* ao núcleo Woll de WollP, c-comandado por TP, seria também capturado em um modelo cartográfico (CINQUE, 1999).

⁵ Na representação temporal de Reichenbach (1947), a vírgula indica simultaneidade, enquanto o travessão indica precedência do ponto à esquerda. Assim, em S,R_E, o momento da fala (S, do inglês, *speech*) está simultâneo ao momento de referência (R), ambos anteriores ao momento do evento (E).

Além do traço de evento em potência, *ir* também porta traços temporais, conforme proposta de Wurmbrand (2007) e Lunguinho (2011). Diferentemente de Araújo-Adriano (2019, 2020), em que propôs que *ir* com leitura de futuridade não apresentava traços temporais, neste trabalho, ao contrário, propomos que tal verbo deve apresentar traços temporais por algumas razões imperativas. A primeira tem a ver com a necessidade de toda sentença apresentar tempo para lhe conferir o estatuto mesmo de sentença. Disso emerge outro problema da análise de Araújo-Adriano (2019, 2020). Caso *ir irrealis* não portasse traços T, mas somente traços Woll[*IRREALIS*], não seria possível explicar a diferença temporal entre *ia*, *vou* e *irá*, todas disparando uma leitura de um evento com potencial, que pode ocorrer, seja no passado, como é o caso de (29a), seja no futuro, como (29b):

- (29) a. João tinha certeza que a Maria ia/iria ganhar na loteria.
b. João tem certeza que a Maria vai/irá ser alta.

Sendo assim, é necessário haver um traço temporal em *ir*. Talvez uma possível explicação para o descompasso entre uma morfologia de presente (e um traço T de presente) veicular uma leitura futura tenha de ir na direção do que é proposto por Muller e Bertucci (2019): formas verbais de presente são interpretadas canonicamente como presente ou futuro em línguas passado *versus* não passado, como o português. Dessa maneira, a leitura semântica de tempo não seria nada transparente em relação à morfologia verbal, como vemos em (29) e como lembram alguns autores (cf. MIOTO, 1991 e PERINI, 1995, para citar alguns).

Em relação ao feixe de traços do verbo *ir* com uma leitura *irrealis*/futuridade, por ser um auxiliar, tem traços uV que vão ser checados a partir da concatenação de um complemento infinitivo. Além disso, *ir_{irrealis}* tem traços $uWoll$ não interpretáveis que carregam uma leitura de futuridade, além de traços uT temporais:

- (30) Feixes de traços que disparam a leitura futura/evento potencial do auxiliar *ir*
a. uV []
b. $uWoll$ [*IRREALIS*]
c. uT [PRESENTE/PASSADO/FUTURO]

1.2.2 A leitura prospectiva do auxiliar *ir*

Analisando dados diacrônicos e sincrônicos, para além da leitura típica de futuridade disparada pelo verbo *ir*, como em *meus filhos vão ser altos*, ARAÚJO-ADRIANO, 2016,

2017 observa que *ir* também veicula uma leitura em que o falante anuncia uma ação que pode ocorrer imediatamente após sua fala, a que o autor chama de um evento [-DISTANTE]. O contraste entre um evento [-DISTANTE] e [+DISTANTE], um evento prototípico de futuridade, é observado a seguir, respectivamente:

- (31) a. E para sua pele, eu vou receitar aqui para você esses dois garranchos ilegíveis.
[-DISTANTE]
b. Então (caso você morra), eu vou casar com a Cláudia. [+DISTANTE]

Em (31a), Araújo-Adriano (2016, 2017) chama atenção para o fato de que, na peça teatral analisada, o falante externaliza que vai receitar um remédio para o paciente e, em seguida, o faz. Por outro lado, em (31b), o evento *casar* não ocorre imediatamente após a sentença ser externalizada, mas, ao contrário, tem potencial para ocorrer, ação dependente, inclusive, de uma condição: a morte do parceiro. Nesse sentido, a relação posta por (31a) vai ao encontro do que Comrie (1976) chama de ASPECTO PROSPECTIVO: quando uma língua tem uma estrutura que é usada para relatar uma ação subsequente, ou seja, quando o falante se encontra em um estado de *estar para fazer alguma coisa*, tal língua instancia aspecto prospectivo.

Compartilhando da mesma intuição, Frawley (1992, p. 322) afirma que as “línguas codificam não só o começo ou o fim de um evento, mas também um ponto um pouco antes do começo de um evento”. O inglês, por exemplo, de acordo com Comrie, faz uso de estruturas como *be + going to*, *be about to*, *be on the point of*, equivalentes aos nossos *ir + infinitivo*, *estar para*, *estar a ponto de* respectivamente. O autor ainda faz considerações sobre a diferença entre o tempo futuro e o aspecto prospectivo, a partir dos exemplos em (32):

- (32) a. Bill is going to throw himself off the cliff
'Bill vai se jogar do penhasco'
b. Bill will throw himself off the cliff
'Bill se jogará do penhasco'

Caso algum falante venha a dizer (32a) e *Bill* é impedido de se jogar do penhasco, (32a) é uma sentença falsa – tal falante estava equivocado, suas previsões não se concretizaram, segundo Comrie. Entretanto, caso (32b) seja proferida, e *Bill* tenha sido impedido de se jogar, o falante de (32b) não estava necessariamente equivocado – tudo que o falan-

te dizia era baseado nas pistas e intenções de *Bill se jogar*.

Até mesmo a gramática do latim de Silva (2012) relata que havia duas formas de particípio nessa língua: o particípio presente e o particípio futuro. Para formar o particípio futuro ativo, é necessário acrescentar ao tema o sufixo *-urus*, que denota a ideia de prospecção, *de estar em vias de (fazer algo)*. Assim, o autor exemplifica com (33):

- (33) a. *puer lect-urus*
rapaz_{.SG} ler-PRSP
'O rapaz que está para ler, que vai ler, que tem a intenção de ler'
- b. *script-urus sum*
escrever-PRSP ser_{.1SG}
'Estou para escrever, vou escrever'

Alguns dialetos, como o caldeu neoaramaico falado no norte do Iraque, também marcam morfologicamente o aspecto prospectivo. De acordo com Coghill (2010), no dialeto do Tel Kepe há um morfema *zi(l)* que expressa que já há uma intenção ou evidência do que está para acontecer (cf. (34a)). Ao contrário, há também nessas línguas o morfema *b-* usado para os contextos de futuridade que não os imediatamente após a fala (cf. (34b)):

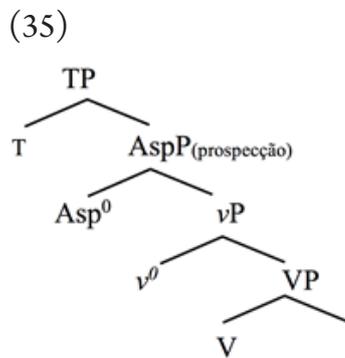
- (34) a. *zi-lā pāθax.* ou *zi-pāθax.*
PRSP-L_{.3MS.SG} abrir_{.3MS.SG} ou PRSP-abrir_{.3MS.SG}
'Vai abrir/ Está para abrir.'
- b. *b-pāyāš tāw*
FUT-ficar_{.3MS.SG} bom_{.MS.SG}
'Ele vai ficar/ficará bom'

No exemplo (34a), Coghill traz um contexto em que alguma pessoa está esperando pela abertura de uma loja. Assim, se há evidência de que a loja está para abrir – o dono da loja aparecendo do lado de fora e estando na hora da abertura da loja – alguém poderia dizer (34a). Ou seja, dadas as evidências, o evento de *abrir a loja* vai acontecer, provavelmente, imediatamente após o momento da fala. Por outro lado, (34b) é usado por alguém que quis confortar os pais de uma pessoa doente, por exemplo. Ali, a pessoa não ficará boa imediatamente após a fala, repentinamente, mas potencialmente em algum momento no futuro.

Finalmente, quanto ao português brasileiro, Castilho (1967, p. 6) também atesta uma leitura prospectiva, porém nomeada de INCEPTIVA, caracterizada como a “duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentido-se o seguimento do processo.” Em relação ao verbo *ir*, Castilho aponta que ele só pode ser acompanhado de gerúndio (com exemplos somente do espanhol⁶).

Voltando a nossa análise, aos “traços” [\pm DISTANTE] propostos por Araújo-Adriano (2016, 2017) poderia ser atribuída uma distinção entre prospecção e futuridade. Revisitando Comrie (1976), Cinque (1999) e Coghill (2010), para o traço [-DISTANTE], que Araújo-Adriano (2016, 2017) considera veicular uma proposição que ocorre imediatamente após o momento da fala, teríamos um traço [+PROSPECTIVO]. Já para o traço [+DISTANTE], que Araújo-Adriano (2016, 2017) julga como um evento que ocorre após a imediatez da fala, i.e., um evento em potência, estaríamos diante do traço [+IRREALIS].

A partir disso, assumimos⁷ uma estrutura como a de Schmitt (2001), que capturaria a noção de prospecção veiculada pelo verbo *ir*. Para a autora, ν P, c-comandado por AspP, é o domínio da descrição de eventualidade; ao passo que TP, domínio temporal do evento, c-comanda AspP. Essa projeção aspectual poderia, para Schmitt, albergar uma descrição de eventualidade de qualquer tipo: assim, AspP seria o *locus* para lexicalizar Aspecto Prospectivo:



Além da ideia de prospecção, muitos autores perceberam a estreita relação que o aspecto prospectivo tem com o tempo presente. Comrie (1976) e Jendrascheck (2014), por exemplo, argumentam que as estruturas de aspecto prospectivo sobrepõem o presente simples ou o presente progressivo, na medida em que elas implicam um contexto

⁶ (ii) Es imposible señor, mis hermanos saben que no tengo amigos, jamás tuve un amiguito.
— “Pois tem um agora. Los hermanos precisam ir se habituando” (CASTILHO, 1967, p. 49).

⁷ Mais uma vez, vale notar que a mesma proposta poderia ser capturada sob uma perspectiva cartográfica (CINQUE, 1999), em que tais leituras estariam relacionadas a uma projeção funcional semanticamente associada: a ideia de prospecção seria licenciada pelo núcleo Asp_{Prospectivo}, também c-comandado por TP.

(iii) Modo_{Atos de Fala} > Modo_{Avaliativo} > Modo_{Evidencial} > Modo_{Epistêmico} > T(Futuro) > ModoIrrealis > AspHabitual > T(Anterior) > AspPerfeito > Asp_{Retrospectivo} > Asp_{Durativo} > Asp_{Progressivo} > Asp_{Prospectivo} > Asp_{Completivo I} (...)

preparatório ou um elemento de planejamento, que já está em vigor no momento da fala (DAHL, 2000a,b).

De fato, caso a sentença em (36) fosse proferida, o cachorro deveria estar, no momento da fala, na mesa cirúrgica em vias de ser sacrificado. Isso mostra a relação próxima com o tempo presente, mais saliente com um advérbio semanticamente associado. Diferentemente de (36), uma leitura de evento em potência/futuridade não obrigaria que o *cachorro* estivesse, no momento em que (37) fosse dito, na mesa cirúrgica:

(36) Meu cachorro vai_{prospecção} ser sacrificado (agora).

(37) Meu cachorro vai_{irrealis} ser sacrificado (amanhã).

O mesmo ocorre, por exemplo, com *ir*_{prospecção} no passado, como em *Meu cachorro ia ser sacrificado (ontem)*, em que a ação estava em vias de acontecer, porém foi interrompida. Esse caráter potencial de *ir*_{prospecção} ocorre também na sua forma de presente: *em ajude, que a caixa vai cair*, o falante percebe que não tem mais forças para carregar uma caixa, portanto, anuncia que a caixa está para cair (propriedade prospectiva). Porém, a possibilidade de ela cair ou não é verídica: caso uma ajuda surja, a caixa não cai – ao contrário, caso a ajuda não apareça, a caixa pode cair (cf. também (31a), em que a ação de *receitar um remédio* tem potencial para ocorrer imediatamente após ser proferido, porém poderia ser interrompida por alguém batendo na porta, por exemplo). Dado esse caráter potencial de *ir* mesmo em uma leitura prospectiva, sugerimos que ele porte também traços *IRREALIS*, que, ao contrário do modo *realis*, é uma factual (PALMER, 2001).

Dessa maneira, a leitura disparada pelo auxiliar *ir*_{prospecção} nada mais é que a combinação de traços de (i) modo (*irrealis*) e de (ii) aspecto (prospectivo): um evento que (i) tem potencial para ocorrer (ii) imediatamente após a fala.

Assumimos então que, em uma leitura em que o evento está em vias de acontecer, o verbo licencia uma categoria funcional denominada Aspecto Prospectivo: *ir* veiculando *prospecção* teria traços *uV*, uma vez que é um verbo auxiliar, e traços *uAsp* não interpretáveis que carregam a leitura prospectiva. Além disso, a leitura de *prospecção* instanciaria também um traço temporal *uT*[] e um traço *uWoll* [*IRREALIS*]:

(38) Feixes de traços que disparam a leitura prospectiva do auxiliar *ir*

a. *uV*[]

b. *uAsp*[*PROSPECÇÃO*]

c. uT [PRESENTE/PASSADO/FUTURO]

d. $uWoll$ [IRREALIS]

Em uma lógica temporal de Reinchenbach (1947), a leitura prospectiva de *ir* seria formalizada a partir de uma relação em que o evento estaria ancorado no presente, com potencial para se concretizar imediatamente após o momento da fala, sendo, portanto, uma imagem especular do presente perfeito (E_S,R). A esse tipo de relação, Reinchenbach chama de presente posterior:

(39) S,R_E

2 A mudança sintática

Assumimos neste texto que a mudança diacrônica é produto da análise estrutural pela criança que não necessariamente converge com a gramática que subjaz a sua experiência linguística (DLP), como foi proposto por Lightfoot (1976) e Roberts (2007). Nesse sentido, a reanálise diacrônica seria produto de um raciocínio *abduativo*, nas palavras de Andersen (1973).

Diferentemente da *dedução*, que utiliza de uma regra e de um contexto para se chegar a um resultado, e da *indução*, que utiliza da análise de contextos e de resultados para se chegar à regra, a *abdução* analisa o resultado e a regra para se chegar ao contexto. Considere o seguinte cenário: *todos os livros da caixa A são de matemática* (regra), *há alguns livros de matemática na estante* (resultado), então provavelmente *os livros de matemática que estão na estante vieram daquela caixa* (contexto). Nesse cenário, alguém poderia dizer que *os livros da estante não vieram da caixa, mas direto da livraria* – e é nesse sentido que Andersen (1973) argumenta que as crianças, quando da aquisição, podem fazer uma escolha errada, observando os dados linguísticos primários, o que leva a uma gramática (regra) diferente da dos pais.

Roberts (2007) esquematiza a análise de Andersen em (40), em que a reanálise por abdução se daria pela análise do *corpus* e da GU, havendo como produto uma gramática-alvo. Porém, a criança pode errar a abdução e confundir o contexto similar (G2) com o contexto real (G1). Isto quer dizer que não há nenhuma relação direta entre G1 e G2, o que emerge o cerne da reanálise: reanálise é nada mais que um descompasso entre gerações.

(40) Geração 1: $G1 \rightarrow Corpus1$



Geração 2: $G2 \rightarrow Corpus2$

Assim, são esses “erros” da análise da criança que dão origem à reanálise. Diante dessa perspectiva, Roberts (2007) propõe que toda reanálise envolve mudança paramétrica e, como é o período da aquisição que tem papel importante nessa reanálise, a criança, a partir de “pistas” (*cues*), erra ou acerta a abdução, mediante os dados aos quais tem acesso.

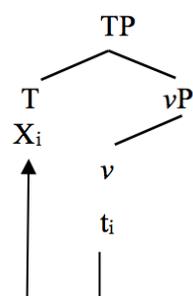
O que parece ser crucial para que a análise abdutiva ocorra é a opacidade da estrutura, definida em termos de complexidade, no sentido de que as crianças por serem conservadoras preferem representações mais simples. Em Roberts (1992), a reanálise ocorre quando uma estrutura muda uma construção C de uma determinada época E para uma construção $C' \neq C$ na época E' . Considerando que a mudança ocorre no processo de aquisição (LIGHTFOOT, 1991, 2006), quando a criança passa a ter mais evidência de C' em vez de C , uma estratégia poderia estar em jogo nesse processo, segundo Roberts (1992, p. 228):

(41) Estratégia de Menor Esforço (EME)

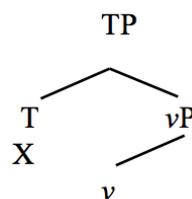
Representações atribuídas às sentenças do *input* usado para a aquisição deveriam ser de tal maneira que elas contenham um conjunto de menores cadeias possíveis (consistentes com: (a) os princípios da gramática e (b) outros aspectos que desencadeiam a experiência linguística.)

Destarte, Roberts estabelece que, dadas as opções em (42), a criança optaria por uma estrutura como a de (42b) e não a de (42a), já que na primeira há uma Cadeia C formada por dois elementos, a partir do movimento de V para T , em que $C = (X_i, t_i)$. Por outro lado, na segunda estrutura, a cadeia teria somente um elemento em T , em que $C = (X)$:

(42) a.



b.



Pelas estruturas em (43), pode-se assumir que, para Roberts (1992), toda reanálise diacrônica envolve uma simplificação estrutural, um mecanismo natural das línguas, e gera um novo material funcional, a partir de um material funcional ou até mesmo de um material lexical.

Entretanto, ainda na mesma esteira de Roberts (1992) que considera que simplificação estrutural está diretamente relacionada a um número menor de ligações (EME), Roberts e Roussou (2003, p. 201) e Roberts (2007, p. 235; 2017, p. 427) atribuem à simplificação estrutural uma abordagem muito no espírito de Chomsky e Halle (1968) e Longobardi (2001), segundo a qual “[d]adas duas representações estruturais R e R’ para um subconjunto de texto *input* S, R é mais simples que R’, se R contém menos traços formais que R”, denominada aqui de FE (*economia de traços*, *Feature Economy* em inglês).

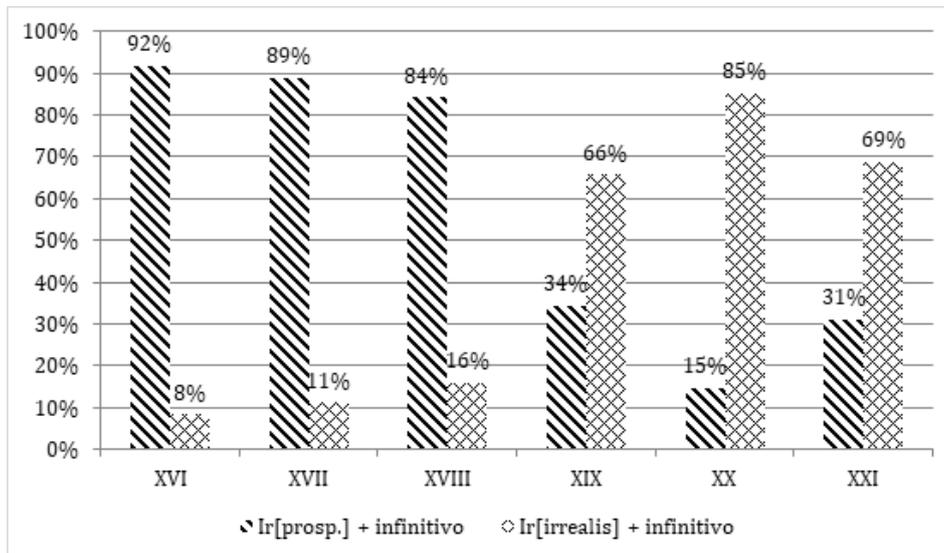
3 Resultados e discussão

Os dados analisados para a pesquisa diacrônica através de seis séculos foram extraídos de textos teatrais portugueses, para os séculos XVI e XVII, e brasileiros, para os séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Foi analisado um total de dezoito peças teatrais de gênero comédia⁸, na tentativa de lidar com dados representativos do linguajar de cada época – é nesses gêneros que o autor se sente mais livre para escrever, retratando a língua de seu tempo (conforme defende DUARTE et al., 2012).

Com a análise do *corpus*, foi possível verificar que nem todas as ocorrências de *ir* + infinitivo marcavam necessariamente futuro. Como visto em §1, *ir* + infinitivo também dispara uma leitura de prospecção, exprimindo o anúncio, pelo falante, de que algo está prestes a ocorrer. Dessa forma, mostra-se, na Figura 1, o cenário de *ir* auxiliar ao longo do tempo, de acordo com o tipo de leitura disparada:

⁸ Pela inexistência de peças de teatro brasileiras do século XVI e XVII, nem todos os dados são oriundos de comédias. Assim, para sanar tal carência, na ausência de uma peça de comédia, analisamos autores (e peças) considerados populares, como é o caso de Gil Vicente, Camões e Gregório de Matos, que nos dá a ideia mais próxima do falar e escrever do Brasil do século XVI (no período de descobrimento) e XVII.

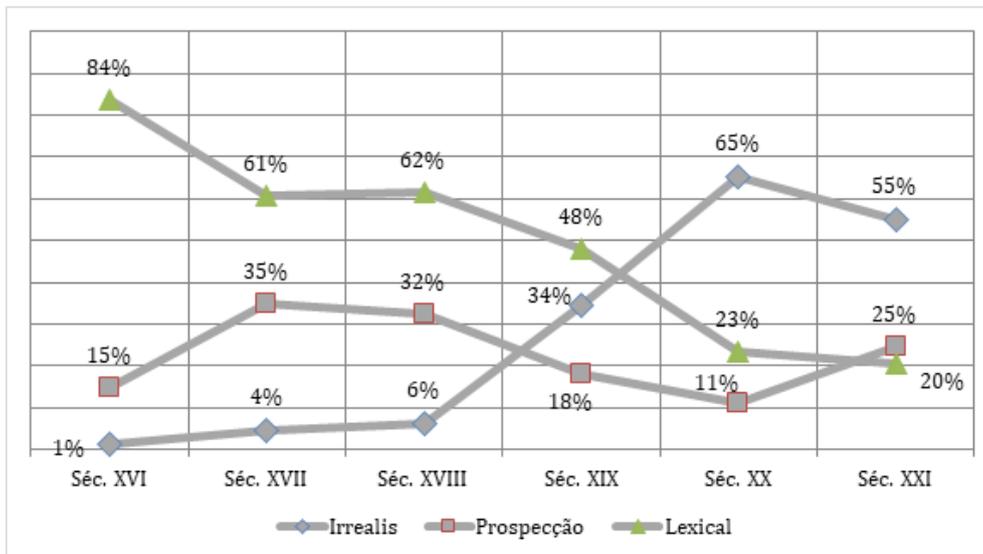
Figura 1 – Ocorrências de *ir* + infinitivo ao longo do tempo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Da análise da Figura 1, pode-se observar que a estrutura *ir*_{irrealis} + infinitivo sempre esteve presente no sistema linguístico do português brasileiro, muito embora tenha havido somente 1 ocorrência (8%) no século XVI (dados oriundos de autores portugueses). Porém, o seu uso aumentou gradativamente a partir do século XVIII, sobretudo na virada do século XIX para o século XX (de 16% para 85%): *ir* veiculando futuridade ficou mais frequente. Com o decréscimo significativo, desde o século XVII, do verbo *haver* (cf. MATTOS; SILVA, 1989; VIOTTI, 1998; AVELAR, 2006), que compunha *haver-de*, outra forma que veiculava futuridade (como em *Maria há de ficar curada*), o sistema linguístico alavancou, a partir do século XVIII, uma forma também perifrástica que já tinha traços [IRREALIS], o *ir*_{irrealis} + infinitivo. Abaixo, temos a Figura 2, que mapeia as instâncias do verbo *ir* na sua contraparte lexical, veiculando movimento espacial, e no seu uso funcional, com leituras de prospecção e de futuridade.

Figura 2 – O verbo *ir* ao longo do tempo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando se observam os usos do verbo *ir* ao longo da história do português brasileiro, é possível encontrar mais de uma leitura atribuída a ele. No século XVI, por exemplo, é notório que *ir* lexical expressa com maior frequência seu sentido primário, o de movimento no espaço (cf. (43a')). Nos séculos XVII e XVIII, *ir* continua tendo seu sentido de base, porém passa a expressar um sentido de prospecção (cf. (43b')) com mais frequência. Porém, a mudança fica muito clara entre o século XVIII e XIX, como se observa na Figura 2, com o uso sistemático do verbo *ir* disparando futuridade (*irrealis*) (cf. (43c')), sendo o uso de *ir* mais frequente até o século XXI.

(43) a. *Ir* lexical

a'. Agora vos digo que **vou** contente daqui (Gil Vicente, século XVI)

b. *Ir*
prospectivo

b'. **Vou mudar** de camisa, que entendo que estou mijado! (Antônio José da Silva, século XVIII)

c. *Ir*
irrealis

c'. Ele **vai estudar** na zona sul. **Vai morar** com a tia em Botafogo. (Miguel Falabella (século XX)

Como discutido em §1, a seleção do DP sujeito é uma propriedade relevante quando se analisam verbos auxiliares *versus* verbos plenos. Por isso, a seleção semântica do sujeito foi controlada para se verificar tal propriedade no verbo *ir*. Adiante, apresentam-se os dados em que se observa o traço semântico [\pm HUMANO] e [\pm ANIMADO] presente no DP sujeito que figura com o verbo *ir*:

Tabela 1 – Traços [\pm ANIMACIDADE] e [\pm HUMANO] no sujeito de *ir* lexical, *ir*_{irrealis} e *ir*_{prospecção}

| Século | Lexical | | | | <i>Ir</i> _{prospecção} + infinitivo | | | | <i>Ir</i> _{irrealis} + infinitivo | | | |
|--------|-----------|-----|-----------|-----|--|-----|-----------|-----|--|-----|-----------|-----|
| | + ANIMADO | | - ANIMADO | | + ANIMADO | | - ANIMADO | | + ANIMADO | | - ANIMADO | |
| | + H | - H | +H | - H | + H | - H | +H | - H | + H | - H | + H | - H |
| XVI | 59 | 0 | - | 3 | 11 | 0 | - | 0 | 1 | 0 | - | 0 |
| | 95% | 0% | - | 5% | 100% | 0% | - | 0% | 100% | 0% | - | 0% |
| XVII | 70 | 0 | - | 0 | 40 | 0 | - | 0 | 5 | 0 | - | 0 |
| | 100% | 0% | - | 0% | 100% | 0% | - | 0% | 100% | 0% | - | 0% |
| XVIII | 160 | 1 | - | 1 | 85 | 0 | - | 0 | 12 | 0 | - | 4 |
| | 99% | 1% | - | 1% | 100% | 0% | - | 0% | 75% | 0% | - | 25% |
| XIX | 195 | 0 | - | 3 | 74 | 0 | - | 0 | 129 | 0 | - | 13 |
| | 98% | 0% | - | 2% | 100% | 0% | - | 0% | 91% | 0% | - | 9% |
| XX | 107 | 0 | - | 1 | 51 | 0 | - | 1 | 271 | 1 | - | 28 |
| | 99% | 0% | - | 1% | 98% | 0% | - | 2% | 90% | 1% | - | 9% |
| XXI | 45 | 0 | - | 1 | 55 | 0 | - | 1 | 106 | 4 | - | 14 |
| | 98% | 0% | - | 2% | 98% | 0% | - | 2% | 85% | 3% | - | 11% |

A Tabela 1 mostra que, quanto a *ir* lexical, claramente existe uma restrição do DP sujeito. Em todos os séculos, mais de 95% dos sujeitos eram [+ANIMADO] e [+HUMANO], como mostrado em (45). Os dados residuais com sujeito [-ANIMADO] e [-HUMANO] são de expressões idiomáticas (cf. (46)).

- (44) Será que a gente_{[+ANIMADO][+HUMANO]} **vai** pro inferno? (Rutinaldo Júnior, século XXI)
- (45) Conversa_{[-ANIMADO][-HUMANO]} **vai**, conversa vem, me elogiô, disse que eu tenho pança, etc. (Gianfrancesco Guarnieri, século XX)

*Ir*_{irrealis}, por outro lado, já mostra uma variação quanto à natureza do seu DP sujeito, sendo encontrado com todas as combinações (lógicas) possíveis de traços: [+ANIMADO] e [\pm HUMANO] (cf. (47) e (48)) e [-ANIMADO] e [-HUMANO] (cf. (49)).

- (46) Mas Sr. Azevedo_{[+ANIMADO][+HUMANO]} **vai casar** com ela!... (José de Alencar, século XIX)
- (47) Esse sapato nem urubu_{[+ANIMADO][-HUMANO]} **vai querer**. (Gianfrancesco Guarnieri, século XX)
- (48) Diz que o colégio_{[-ANIMADO][-HUMANO]} **vai ser** fechado... (Arthur de Azevedo, século XX)

Por fim, inesperadamente, o verbo *ir*_{prospecção} restringiu, de certa forma, o seu sujeito nos dados analisados. Não houve nenhum caso em que o sujeito era [+ANIMADO] e [-HUMANO], como ocorreu com *ir*_{irrealis}.

- (49) LOVE: Abre essas orelhas e ouve o que eu_{[+ANIMADO][+HUMANO]} **vou dizer**: se aquele monte de bosta disser ... (Mario Bortolotto, século XXI)
- (50) (Ouve-se o sino da estação e, ao longe, o arfar surdo do trem)
DONA RITOCA: O trem_{[-ANIMADO][-HUMANO]} **vai chegar!** (Roberto Gomes, século XX)

A partir dos resultados obtidos na análise diacrônica, esquematizamos a reanálise do verbo *ir* ao longo do tempo do seguinte modo:

(51) **Reanálise do verbo *ir***

1º estágio (século XVI): *ir* lexical

2º estágio (século XVII e XVIII): *ir* lexical; *ir* funcional_{prospecção}

3º estágio (século XIX, XX e XXI): *ir* lexical; *ir* funcional_{prospecção};

ir funcional_{irrealis}

O processo de reanálise do verbo *ir*, de lexical para funcional, tem consequências sintáticas e semânticas. *Ir* lexical tem uma leitura de movimento, em que um sujeito se locomove no espaço. Normalmente, tal uso é acompanhado de um locativo indicando a origem e/ou destino, mas isso não é categórico, como (52) mostra. Na pesquisa diacrônica, foi possível observar que, além do locativo (cf. (53)), havia também um advérbio de finalidade, em que o falante se locomovia a um lugar com o objetivo de fazer determinada ação. É o que se pode observar em (54).

- (52) Tocam os Anjos seus instrumentos, e as Virtudes, cantando, e os pastôres, bailando, se vão Ø. (Gil Vicente, século XVI)

- (53) As salvas foram pedidas, e sendo enfim emprestadas, depois de Ihas terem dadas, foram salvas, e perdidas: e com ser às escondidas o pedido, que as assola, triunfando vão [para Angola], pois se levanta sua alma tirando a esmola da Palma com o Santo, e com a esmola.
- (54) Quem os vê ir para o templo com as contas e os livrinhos de devoção, julgará que vão por ver a Deus Trino (Gregório de Matos, século XVII)

Em (52)-(54), o verbo *ir* lexical indica que algumas pessoas se locomovem para determinado lugar. Ali, *ir* é um verbo lexical, com seu sentido original de movimento no espaço. Porém, com o passar do tempo, a preposição que encabeça o advérbio de finalidade, por exemplo, desaparece, embora outro material ainda permaneça entre o verbo *ir* e o infinitivo, que marca, de certa forma, prospecção:

- (55) Vou-me agora Ø regalar, levar boa vida, comer, e beber (Antônio José da Silva, século XVIII)
- (56) Espera, Esopo, que eu vou contigo Ø perguntar a esse insolente se há-de casar com outrem, estando eu viva (Antônio José da Silva, século XVIII)

Nos exemplos acima, *ir* já veicula prospecção, com o falante anunciando que vai fazer alguma coisa e a faz. Mantendo ainda a ideia de locomoção espacial,⁹ é possível fazer a leitura de que os falantes em (55) e (56) anunciam que estão prestes a se locomover para (ou com a finalidade de) fazer alguma coisa: *regalar* e *perguntar*, respectivamente. É interessante perceber que os casos de prospecção encontrados no *corpus* são muito parecidos com os acima, em que ainda fica marcada a ideia de locomoção espacial do verbo *ir*, a partir do seu anúncio:

- (57) Mulher, arranja esta sala, enquanto me vou Ø fardar. (Martins Pena, século XIX)

⁹ Lunguinho (2011) também mostra que numa sentença como (i) existe uma ambiguidade atribuída à ideia de locomoção espacial e temporal:

(i) O gato vai comer a carne que você descongelou.

O autor insere expressões temporais e sintagmas locativos para ressaltar a leitura de futuridade e de movimento, respectivamente:

(ii) Se você deixar a porta aberta, o gato vai comer a carne que você descongelou.

(iii) O gato vai lá para a cozinha comer a carne que você descongelou

De fato, concordamos que existe uma ambiguidade na sentença acima; porém, ali se acredita que há uma terceira leitura embutida, a de prospecção, em que o falante diz (i) quando vê que o gato acabou de pular na pia da cozinha e está prestes a comer a carne.

(58) Eu **vou** já Ø entrevistar o vigário (Dias Gomes, século XX)

(59) Eu **vou** Ø colocar uma música (Mario Bortolotto, século XXI)

Em (57)-(59), o falante anuncia que está prestes a se locomover para (com o fim de) praticar determinada ação. Em (58) o advérbio *já* mostra claramente que a ação vai acontecer logo após o anúncio, evidenciando a leitura prospectiva do verbo *ir*. Na sequência, o terceiro estágio da reanálise do verbo *ir* (cf. (51)) ocorre quando a ideia de locomoção espacial desaparece, bem como a ideia de finalidade:

(60) Juca. - Nós fizemo *greve!* Diz que o colégio **vai ser** fechado... (Arthur de Azevedo, século XIX)

(61) “O senhor acha que a turma **vai topá** a greve?” (Gianfrancesco Guarnieri, século XX)

(62) “Se hoje conseguiu um real, daqui a três dias **vai juntar** o suficiente pra comprar o cartão e voltar pra casa” (Rutinaldo Júnior, século XXI)

Os exemplos acima ilustram a leitura do evento em potência veiculado pelo verbo *ir*, em que se tem uma leitura de locomoção temporal melhor exemplificada por (62), com a presença da expressão temporal *daqui a três dias*. Dessa forma, como já atestado por outros autores (cf. OLIVEIRA, 2006), o verbo *ir* como auxiliar temporal parece ter sua origem adverbial, que tinha como complemento um PP locativo ou um PP de finalidade (cf. (53) e (54)). Uma vez que a reanálise de locomoção se instaura, a preposição desaparece, ou se posiciona antes ou depois do sintagma verbal, e o auxiliar e o infinitivo passam a formar uma única unidade sintática, sendo considerados uma perífrase.

Sob o ponto de vista semântico, a seleção do sujeito mostrou ser uma propriedade relevante para a reanálise do verbo *ir*. Verbos auxiliares, por serem inacusativos, não restringem a seleção semântica do seu sujeito – tal seleção é de responsabilidade do verbo no domínio não finito, no caso, o verbo infinitivo. Ou seja, *ir* como auxiliar pode ser concatenado com qualquer tipo de sujeito, seja animado, inanimado, agente, humano, não humano etc., enquanto o verbo lexical não. De fato, *ir*_{irrealis} não apresentou restrição de seleção semântica (cf. Tabela 1), figurando com DP [+ANIMADO] e [±HUMANO] e também [-ANIMADO] e [-HUMANO], comportando-se inteiramente como um auxiliar nesse quesito.

De maneira inesperada em um primeiro momento, *ir*_{prospectivo} apresentou restrição semântica quanto ao seu DP sujeito, não havendo dados de um sujeito [+ANIMADO] e [-HUMANO], o que pode sugerir que nesse estágio *ir*_{prospectivo} não estava totalmente gramaticalizado, não se comportando completamente como um auxiliar. Talvez isso se deva ao fato de que tal verbo, nesta leitura, estava ainda em processo de reanálise, visto que a ausência de restrição semântica pelo sujeito é evidenciada mais tarde, somente nos séculos XX e XXI. Uma vez que o Aspecto prospectivo está relacionado a um “anúncio” para uma ação subsequente, espera-se que tal ação seja feita por um sujeito [+HUMANO] e [+ANIMADO], simplesmente porque tal tipo de sujeito tem mais controle da sua ação a ponto de anunciá-la, diferentemente de sujeitos [-ANIMADO] e [-HUMANO], que, embora tenha aparecido pouco nos dados analisados, são produtivos no PB atual, como em *a porta vai bater, o copo vai cair*, o que poderia sugerir que sua reanálise tenha se completado.

Quanto a *ir* veiculando movimento espacial, era esperado que houvesse restrição semântica do seu sujeito, já que tal verbo é um verbo pleno: sua restrição é clara quando é necessário que seu sujeito seja capaz de se locomover, não sendo esperado, por exemplo, que um DP [-ANIMADO], *a parede*, se concatene com *ir* lexical, uma vez que o nome *parede* não tem propriedades que combinam com *locomover*, isto é, *parede* não pode se locomover por si só, não é agentivo, daí a restrição imposta pelo verbo.

4 Uma proposta explicativa para a reanálise de *ir*

Nesta seção, trazemos nossa proposta explicativa para a reanálise do verbo *ir* na história do português brasileiro, levando em consideração as propriedades arroladas em §2. Vamos mostrar que a reanálise do verbo *ir* ocorreu de maneira *upward* (*para cima*), com consequente perda de traços formais. Ademais, tal proposta explica o estágio intermediário da reanálise de *ir*, conforme argumentamos também em §2.

4.1 Ingrediente teórico

Assumimos como ingrediente teórico a proposta alternativa de Pesetsky e Torrego (2007), para quem valoração e interpretabilidade são independentes (diferentemente do proposto por Chomsky, 2001 – “um traço F é não interpretável, se e somente se é não valorado”), ao passo que os itens lexicais vêm do léxico com traços que podem se combinar de duas maneiras: (i) não interpretáveis mas não valorados e (ii) interpretáveis mas não valorados. Ou seja, um traço F pode ter ou não um valor *v* qualquer (quando valorado,

[v], e quando não valorado, vazio [] e pode ser interpretável (*i*) ou não interpretável (*u*). Dessa combinação, chega-se ao arranjo em (I).

- (I) a. F interpretável e valorado: $iF[v]$.
- b. F interpretável e não valorado: $iF[]$.
- c. F não interpretável e valorado: $uF[v]$.
- d. F não interpretável e não valorado: $uF[]$.

Assim, em uma relação entre XP e YP, tal que X c-comanda Y, o núcleo Y tem um traço uX não interpretável que participa de uma relação de *Agree* com o traço X de XP. Como X c-comanda Y, seu traço X deve ser uma sonda. Dessa maneira, X em XP deve ser um traço iX interpretável, não valorado, agindo como uma sonda. Igualmente, X em Y é um traço não interpretável que é valorado, agindo como um alvo. Pelo *Princípio de Interpretabilidade Plena*, o traço não valorado deve ser apagado o mais rápido possível (esse apagamento é indicado por \cancel{uX}), para que a estrutura convirja na Forma Lógica (LF).

Ainda segundo os autores, o traço que age como sonda, em uma abordagem de *Agree*, sempre é o traço não valorado:

Isso significa que T no verbo finito nessas línguas é um traço não interpretável que participa de uma relação de *Agree* com T em Tns. Uma vez que Tns c-comanda o verbo finito, seu T deve ser a sonda nessa relação. Consequentemente, T em Tns deve ser um traço interpretável que é não valorado e age como uma sonda. Do mesmo modo, T no verbo finito deve ser um traço não interpretável que é valorado e age como um alvo (PESETSKY; TORREGO, 2007, p. 270).

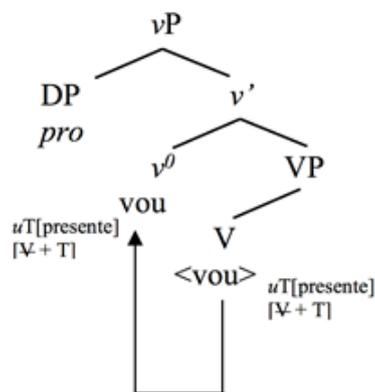
4.2 Derivando *ir* lexical

Como mostramos em §3, *ir*, assim como na contemporaneidade, figurou como verbo que veiculava movimento espacial, selecionava semanticamente seu DP sujeito, selecionava um PP como complemento (na presença de um). Dessa maneira, tais propriedades são depreendidas se *ir* nuclear uma projeção dentro de νP dado seu traço categorial V: por estar em um núcleo lexical (após movimento de V^0 para ν^0), tal verbo é capaz de selecionar seu DP argumento interno; estar disponível para nominalização, e por portar um traço iV , *ir* lexical não precisa selecionar um verbo como seu complemento.

Diante disso, a dinâmica da derivação do verbo *ir* lexical em (64) está representada abaixo. Primeiramente esse verbo é inserido dentro da concha de VP, em V⁰, participando da seleção semântica dos seus argumentos, como visto em §1 (caso um PP faça parte da Numeração, este é concatenado como complemento de V⁰). Em seguida, o verbo move-se para o núcleo de vP, checando, eventualmente, o papel temático do DP sujeito. Até esse ponto da derivação, a estrutura está representada em (64), a seguir:

(63) Não sei pera onde **vou**; sou selvagem sou uma alma que pecou culpas mortais contra o Deus que me criou à Sua imagem. (Gil Vicente, século XVI)

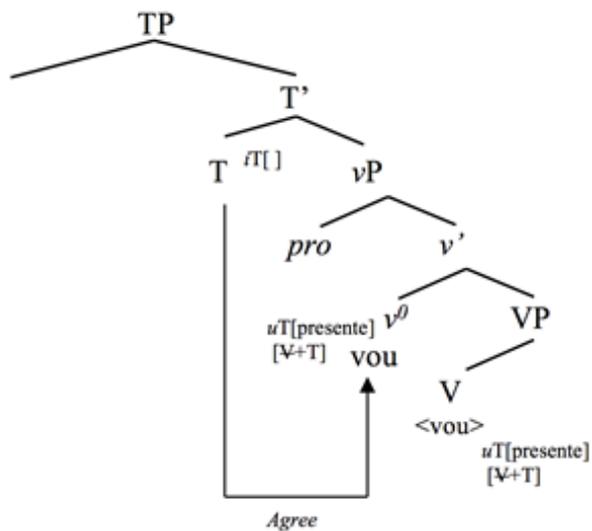
(64)



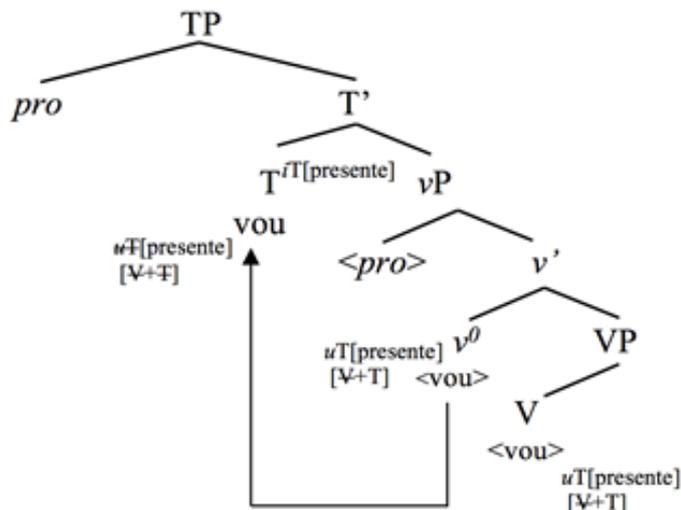
Após a checagem de papel temático, o verbo lexical precisa ter seus traços temporais $uT[\text{PRESENTE}]$ checados para que só sejam encaminhados para LF traços interpretáveis. Dessa forma, insere-se na derivação o núcleo T, cujos traços $iT[]$ precisam ser valorados. T age como uma sonda, encontrando o traço uT do verbo. Por esse traço ser não interpretável, ele está ativo para a computação sintática. O traço a ser valorado $iT[]$ deve ser o traço de PRESENTE, pois o componente semântico precisa interpretar a temporalidade da sentença como concomitante à fala, i.e., como presente dêitico.

Portanto, o verbo *ir*, na derivação de (63), após a relação de *Agree* com o T⁰, checa seu traço uT e, com efeito, valora o traço do núcleo de TP com o valor [PRESENTE] (cf. (65a)). A derivação termina costumeiramente, com movimento do verbo a T⁰:

(65) a.



b.



4.3 Derivando a leitura prospectiva de *ir* auxiliar

Argumentamos em §2 em favor da existência de uma leitura prospectiva para o verbo *ir*, inclusive com evidências históricas da sua existência, como mostramos em §3. Conforme foi discutido, o aspecto prospectivo está intimamente relacionado às noções de tempo, modo e aspecto. Por se tratar de um evento que tem potencial para ocorrer imediatamente após a fala, conferimos tais leituras aos seguintes traços: Woll[*IRREALIS*], que dispara a leitura de evento potencial, Asp[*PROSPECÇÃO*] que veicula a imediatez do evento e T[*PRESENTE/PASSADO*] que ancora o tempo desse evento potencial como imediatamente após a uma fala anterior – *A porta ia bater*(, *mas o João não deixou*) – ou no momento da fala – *A porta vai bater* (*e bate*).

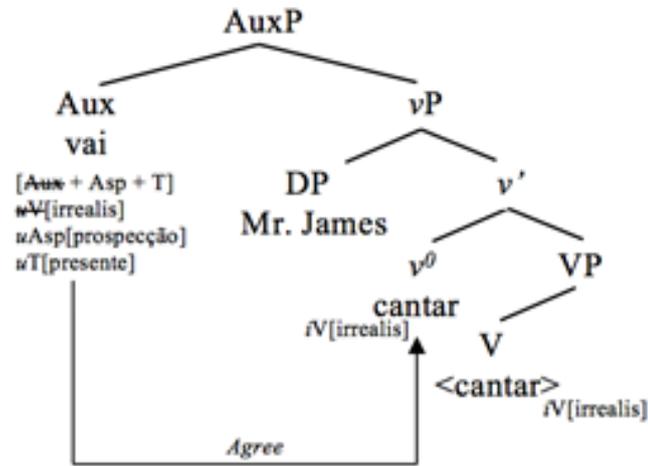
Quando o auxiliar entra na derivação, o seu traço uV funciona como uma sonda em busca de um alvo. O verbo *ir* licencia o traço modal do alvo com o valor [*IRREALIS*]. O alvo ativo seria, pois, o verbo que está no complemento do auxiliar, que porta traços iV [*IRREALIS*], uma vez que o traço [*IRREALIS*] em V vai ser responsável pela manifestação morfológica do infinitivo, que é a única forma não finita selecionada pelo verbo *ir* (cf. LUNGUINHO, 2006, 2011; RESENDE; ARAÚJO-ADRIANO, 2019). A derivação acontece como se segue, levando em consideração (66), a seguir:

(66) Atenção! Mr. James vai cantar! (Joaquim Macedo, século XIX)

A derivação de (66) começa com a inserção do verbo principal e seus argumentos. Por ser um auxiliar, *ir*_{prospecção} não seleciona seus argumentos, deixando tal função para o verbo principal. No caso, o verbo *cantar* é inserido no núcleo de V , que se move para a posição de núcleo, v . Após a inserção do DP sujeito, v checa o papel temático de [+AGENTE] do seu argumento externo. Tal verbo carrega traços iV [*IRREALIS*], realizados foneticamente como um VP infinitivo, que precisam ser checados. Em seguida, o auxiliar, que porta traços uV [], é inserido¹⁰ em Aux^0 por ter traços categoriais v_{aux} . A presença desse traço não interpretável o qualifica como uma sonda que estabelece *Agree* com o alvo *cantar*. Como existe *c-comando* entre o auxiliar e o verbo, a relação de *Agree* é estabelecida e o traço uV [] do auxiliar é valorado:

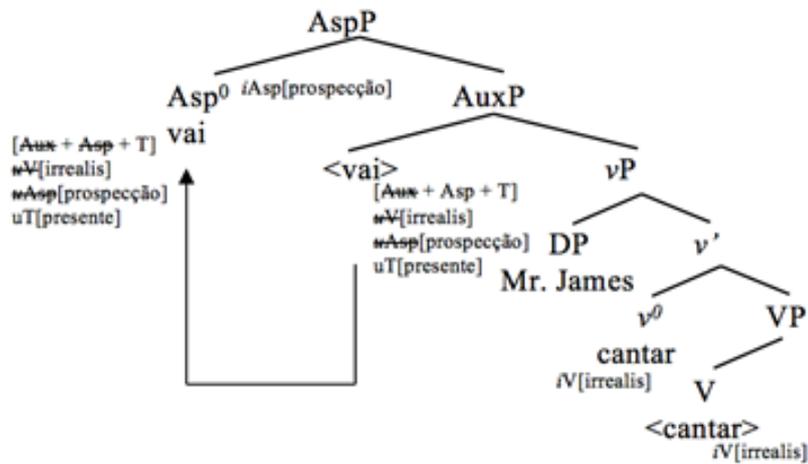
¹⁰ A escolha teórica de se concatenar auxiliares em uma projeção $AuxP$ e não diretamente na zona TAM, como é proposto por Roberts e Roussou (2003), é justificada pelo fenômeno da elipse de VP. Cyrino e Matos (2005) mostram que é o alçamento do verbo (finito ou auxiliar) que garante que haja paralelismo entre o local de identidade e o verbo. Para as autoras, quando o verbo se move, a cópia deixada é interpretada como o predicado, o que impede a agramaticalidade de *"Ele trabalhava até tarde e nós também ficávamos [-]", em que [-] é tido como "ficávamos a trabalhar/trabalhando até tarde". Se auxiliares no PB forem diretamente inseridos na zona TAM, a elipse de VP não seria licenciada. De qualquer modo, uma das motivações de Roberts e Roussou (2003) para a concatenação do auxiliar diretamente em TAM é a ausência de seleção semântica dos auxiliares. Ora, tal comportamento também é esperado quando auxiliares são concatenados em $AuxP$: por estarem fora de vP , local da seleção do DP sujeito, esses verbos são incapazes de restringir seu sujeito. Dessa maneira, concatenar o verbo auxiliar em Aux^0 explica o seu comportamento no que se refere tanto à seleção semântica quanto ao licenciamento da elipse de VP.

(67)



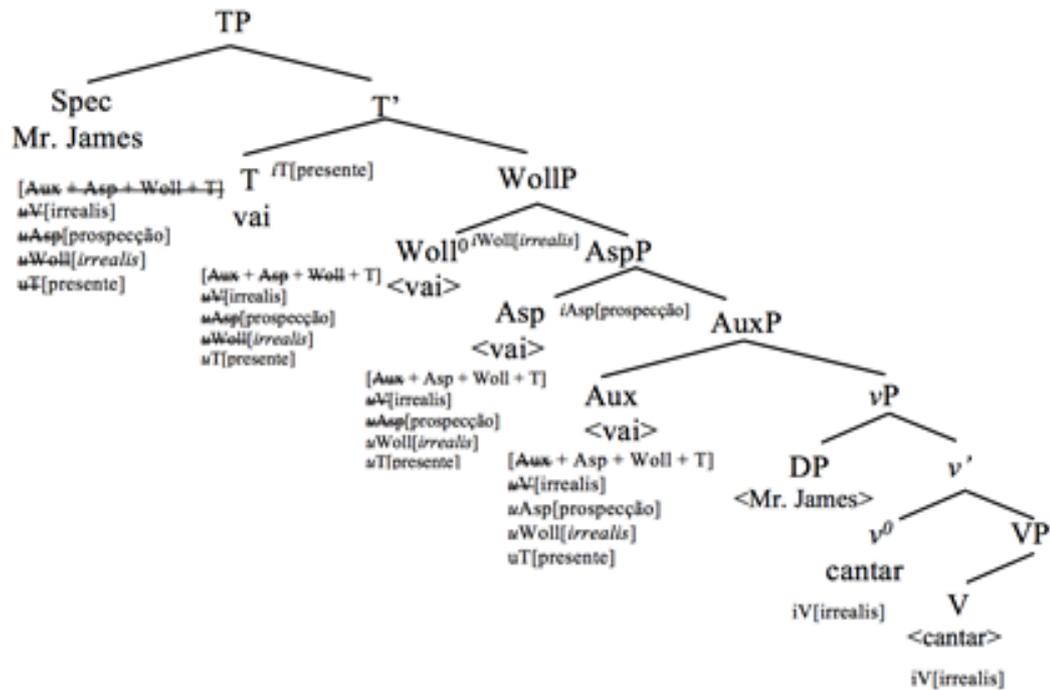
Na medida em que o auxiliar precisa checar seus traços não interpretáveis, outros objetos sintáticos precisam ser inseridos na derivação. Não obstante, para que a leitura de prospecção, presente no traço $uAsp[PROSPECÇÃO]$, seja capturada no componente semântico, *ir* precisa estabelecer uma relação de *Agree* com um núcleo funcional que cheque tal traço. Quando $AspP$ é inserido na derivação, seu núcleo tem um traço $iAsp[]$ que precisa ser valorado. Tal valoração ocorre por meio da operação de *Agree*: o traço $iAsp$ atua como uma sonda e encontra o traço $uAsp$ do auxiliar. Por esse traço ser não interpretável, esse traço está ativo para a computação. *Agree* é estabelecido e $iAsp$ em $AspP$ é valorado como $[PROSPECÇÃO]$ e o traço $uAsp$ do auxiliar *ir* é checado. Após essa operação, ocorre movimento de v_{aux} para $AspP[PROSPECÇÃO]$.

(68)



Quando WollP é inserido, os seus traços não valorados entram em uma relação de *Agree* com o alvo ativo, os traços do auxiliar. O traço interpretável de Woll é valorado como [IRREALIS] e o traço não interpretável do auxiliar é apagado. Após o movimento de *ir* para Woll, a derivação ocorre normalmente, com a projeção de T e valoração de seu traço *i*T [] com o valor [PRESENTE] do traço *u*T[PRESENTE] do auxiliar, seguido do seu movimento para T⁰:

(69)



A estrutura em (69) seria o segundo estágio da evolução do verbo *ir* (cf. §3).

4.4 Derivando a leitura de futuridade de *ir* auxiliar

Como já discutido, em termos formais, Roberts e Roussou (2003), ao observarem o fenômeno da gramaticalização nas línguas, argumentam que a principal generalização que se pode fazer é que ele cria um novo material funcional que sempre envolve simplificação estrutural e reanálise de movimento. Dessa maneira, a reanálise de *ir*, conforme argumentamos, deveria ser captada em termos de mapeamento sintático, ou seja, a estrutura sintática (ou a derivação) de *ir*_{irrealis} deveria ser diferente da de (69), a fim de derivar essa mudança.

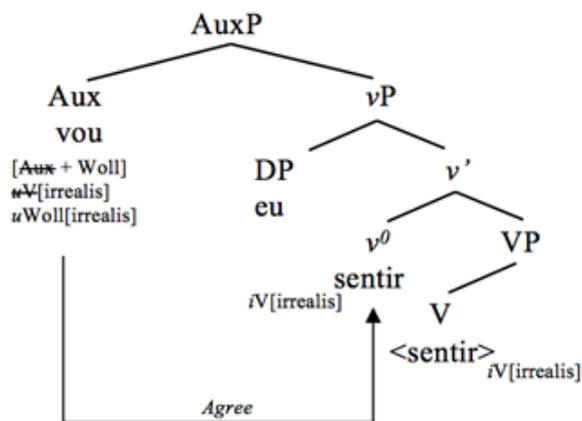
Dito isso, o verbo *ir*, veiculando evento em potência, por ser um auxiliar cuja dependência morfossintática é selecionar um verbo não finito, tem traços *u*V[]. O verbo c-comandado pelo auxiliar tem traços *i*V[IRREALIS], realizado foneticamente como infinitivo. *Ir*_{irrealis} também tem traços que, em LF, levam a uma leitura de um evento em po-

tência. Assim, tal item carrega consigo traços não interpretáveis $uWoll[IRREALIS]$. *Ir* em (70), por estar flexionado no presente, também portaria um traço temporal $uT[PRESENTE]$. Dessa forma, vejamos como ocorre a derivação da seguinte sentença.

(70) Eu sempre vou sentir muito orgulho de ter sido apaixonado por você. (Mario Viana, século XX)

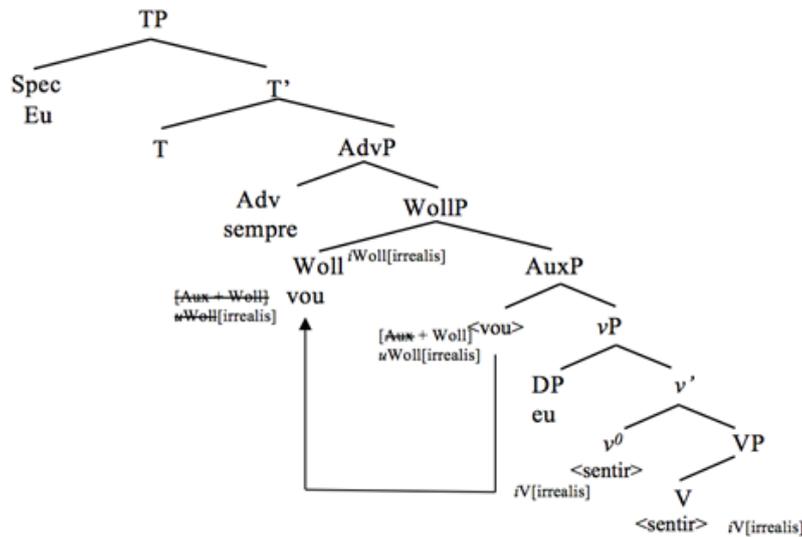
Primeiramente, o verbo lexical *sentir* é inserido na derivação na concha do VP, atuando na seleção semântica dos seus argumentos. Em seguida, V se move para o núcleo de vP e, quando o DP é inserido em Spec, v , o verbo checa seu papel temático. Em seguida, o auxiliar $v_{aux} \textit{ir}_{irrealis}$ é introduzido em AuxP com traços $uV[]$, agindo como uma sonda à procura de um alvo que porta traços $iV[IRREALIS]$. A relação de *Agree* com o verbo valoriza seus traços como $[IRREALIS]$, o que licencia um VP infinitivo. A derivação de (70) é representada em (71) até o momento em que AuxP é inserido:

(71)



Após a relação de *Agree* de v_{aux} com v , para que a sentença seja interpretada com uma leitura futurizada no componente semântico, é necessário que os traços $uWoll[IRREALIS]$ do v_{aux} sejam deletados. Para tanto, WollP é inserido na derivação. O traço $iWoll[]$ de WollP entra em uma relação de *Agree* com o traço $uWoll$ do auxiliar. *Agree* é estabelecido e o traço $iWoll$ de WollP é valorado como $[IRREALIS]$, com conseqüente apagamento do traço $uWoll$. Após completado o AdvP, no caso de (70), o núcleo de TP é inserido.

(72)



Diferentemente de outras propostas aventadas na literatura (cf. WURMBRAND 2007; LUNGUINHO, 2011), propõe-se aqui que o v_{aux} *ir*_{irrealis} não se move para a posição de T^0 , mas somente estabelece *Agree* com esse núcleo para checar traços temporais μT [presente], no caso de (70). Argumentamos que *ir* não sobe para T em estruturas de futuridade, tendo em vista o ordenamento do advérbio *sempre*¹¹ e o licenciamento da elipse de VP.

Alguns autores atestam a preferência pela anteposição de *sempre* ao verbo, no PB contemporâneo (cf. AMBAR et. al, 2004; CYRINO, 2013; TESCARI NETO, 2013; REINTGES; CYRINO, 2018; SCHIFANO, 2018). Em relação à diacronia, enquanto a forma sintética esteve presente no sistema linguístico do PB, o verbo se encontrava em uma posição à esquerda de *sempre*, V_ADV_{sempre} . Isso sugere que a forma sintética se movia para um núcleo, T^0 , acima deste advérbio, caso se considere que a sintaxe do ADV_{sempre} é T c-comandando *sempre*: [TP [T][ADVP [*sempre*][WollP [Woll⁰][AspP [Asp⁰][...[AuxP [Aux⁰][VP]]]]]]] (cf. CINQUE, 1999; CYRINO, 2013 ;¹² REINTGES; CYRINO, 2018, SCHIFANO, 2018; entre outros). Com a entrada de *ir*_{irrealis} + infinitivo no sistema linguístico, o ordenamento do ADV_{sempre} mostra que o verbo

¹¹ Há, no entanto, evidências recentes, descobertas após este trabalho ter sido concluído, de que, na realidade, o verbo *ir* deve se mover para uma posição mais alta na sentença considerando o posicionamento desse verbo em relação a não apenas o advérbio *sempre*, mas também em relação a advérbios mais altos que c-comandam tal advérbio no PB contemporâneo, como ainda, *não ... ainda, não ... mais* (cf. ARAÚJO-ADRIANO, 2021a, 2021b).

¹² Cyrino (2013) e Reintges e Cyrino (2018) assumem, seguindo Giorgi e Pianesi (1997), que TP é dividido em dois: TP1 e TP2. Para eles, *sempre* com leitura aspectual/temporal no PB é c-comandado por TP1, mas não TP2, como em [TP1 [T1][ADVP [*sempre*][TP2[T2][vP]]]]. Assim, a ordem *sempre*_V é gerada quando V se move a TP2, mas não TP1. Nossa análise vai ao encontro da proposta de Cyrino (2013) e Reintges e Cyrino (2018): diríamos que o futuro sintético se movia até TP1 para licenciar a leitura de Tempo futuro, gerando a ordem V_sempre , enquanto a perífrase com *ir* teria como pouso final TP2, o que linearizaria a ordem *sempre*_V.

se encontra a sua direita, o que evidencia o movimento menor do verbo: para um núcleo abaixo de tal advérbio, no caso Woll⁰:

- (73) a. Tende-me em conta de amigo, e [_{TP} [_T [_V tereis [_{ADV} **sempre** de mim excessos de par em par, finezas de mim em mim (Gregório de Matos, século XVII)
b. [_{TP} [_T Eu [_{ADV} sempre [_{WOLL} vou sentir muito orgulho de ter sido apaixonado por você (Mario Vianna, século XIX)

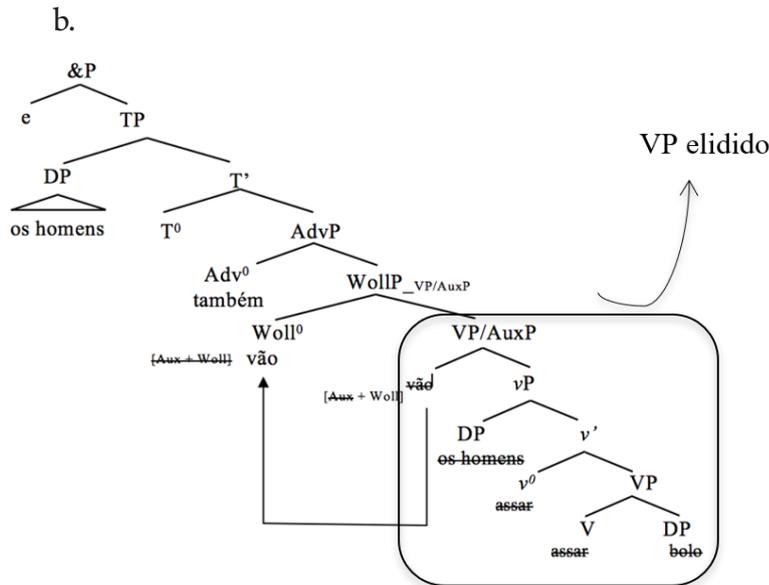
Em relação à elipse de VP, Matos e Cyrino (2001) e Cyrino e Matos (2002), por exemplo, propõem que a projeção funcional que licencia tal elipse em PB pode ser qualquer projeção funcional abaixo de T, enquanto no PE é T. Seguindo essa esteira, uma vez que propomos que *ir*_{irrealis} não se move para T¹³ em PB, isso poderia fazer algumas previsões sobre a elipse de VP. Se nossa análise estiver no caminho correto, é esperado que possamos encontrar elipse de VP em contextos em que a posição para onde o verbo se move é Woll⁰ (TP > WollP), i.e., uma posição abaixo de TP:

- (74) a. As mulheres vão assar bolo para a festa e os homens não vão [-]
[-] e os homens não [_{Woll}⁰ vão_i [_{VP/AUXP} vão_i assar bolo para a festa]
b. As mulheres vão assar bolo para a festa e os homens também vão [-].
[-] e os homens também [_{Woll}⁰ vão_i [_{VP/AUXP} vão_i assar bolo para a festa]

Em (74), percebemos que a elipse de VP é recuperada em um contexto perifrástico de futuridade, uma vez que o verbo se move para a projeção funcional mais baixa que TP. De acordo com Cyrino e Matos (2007), a elipse de VP é licenciada sob c-comando local por um núcleo funcional com traços-V que se concatena com ele. Portanto, o licenciamento da elipse de VP no contexto de futuridade ocorre quando T se concatena com WollP_{νP}, que poderia ser o licenciador verbal. Uma vez que um item de natureza verbal se concatena com WollP, ele também satisfaria o requerimento de c-comando imediato proposto pelas autoras. Observe:

- (75) a. As mulheres vão_{PRS-3s} assar_{INF} bolo para a festa e os homens também vão_{PRS-3s} [-]

¹³ Na realidade, assumindo uma arquitetura um pouco mais estruturada, como a de Harwood (2015) – TP > InfP > ProgP > PartP > VozP > vP –, a elipse do VP em (74) e (75) poderia muito bem ser explicada ainda que *ir* tenha se movido para T (cf. também Nota 11). O ponto é que o infinitivo elidido, tendo sido licenciado pelo movimento do VP a InfP, por exemplo, ainda mantém a generalização de que em PB a elipse de VP é abaixo de T.



Diante disso, o próximo passo da derivação em (75) e (72) é estabelecido com a relação de *ir*_{irrealis} e T por meio de uma operação de *Agree* entre os traços *uT*[PRESENTE] de *ir* e os traços *iT*[] de T⁰ (e posterior movimento do DP sujeito em Spec, *vP* para Spec, TP). Como lembram Muller e Bertucci (2019), verbos no presente, em línguas passado *versus* não passado como o PB, disparam uma leitura canônica de presente ou de futuro. Assim, a leitura semântica associada ao traço valorado em T leva em consideração a morfologia de *ir* e não necessariamente uma correlação semântica.

5 À guisa de uma conclusão

A reanálise do verbo *ir*, como sugerido neste artigo, ocorreu em três estágios. Em um primeiro momento (séc. XVI), *ir* comportava-se como um verbo lexical, com leitura de movimento espacial, selecionando seus argumentos. Em um segundo momento (séc. XVII e XVIII), esse verbo foi reanalisado a partir da sua contraparte lexical e passou a ter propriedades de verbo funcional, disparando uma leitura de prospecção. Por último, em um terceiro momento (séc. XIX, XX e XXI), *ir* foi reanalisado novamente como outro item funcional (ao que ROBERTS; ROUSSOU, 2003 chamam de “caminhos de gramaticalização”). A Tabela 2 organiza esse caminho da gramaticalização do verbo *ir* no português brasileiro.

Tabela 2 – O caminho da gramaticalização de *ir*: de lexical a funcional

| Época | Estrutura | Leitura | Traços formais |
|------------------|---|------------|--|
| XVI | $[_{TP}[_{T} \text{vou}] [\dots [_{vP}[_{v} \text{vou}]] [_{VP}[_{v} \text{vou}]]]]]$ | Locomoção | $uT[]$ iV |
| XVII XVIII | $[_{TP}[_{T} \text{vou}] [\dots [_{vP}[_{v} \text{vou}]] [_{VP}[_{v} \text{vou}]]]]]$ | Locomoção | $uT[]$ iV |
| | $[_{TP}[_{T} \text{vai}] [_{WollP}[_{Woll} \text{vai}] [_{AspP}[_{Asp} \text{vai}] [\dots [_{AuxP}[_{Aux} \text{vai}]]]]]]] [_{vP}[_{v} \text{cantar}]] [_{VP}[_{v} \text{cantar}]]]]]]]$ | Prospecção | $uWoll[IRREALIS]$ $uAsp[PROSPECÇÃO]$ $uT[]$ uV |
| XIX, XX e XXI | $[_{TP}[_{T} \text{vou}] [\dots [_{vP}[_{v} \text{vou}]] [_{VP}[_{v} \text{vou}]]]]]$ | Locomoção | $uT[]$ iV |
| | $[_{TP}[_{T} \text{vai}] [_{WollP}[_{Woll} \text{vai}] [_{AspP}[_{Asp} \text{vai}] [\dots [_{AuxP}[_{Aux} \text{vai}]]]]]]] [_{vP}[_{v} \text{cantar}]] [_{VP}[_{v} \text{cantar}]]]]]]]$ | Prospecção | $uWoll[IRREALIS]$ $uAsp[PROSPECÇÃO]$ $uT[]$ uV |
| | $[_{TP}[_{T}] [_{WollP}[_{Woll} \text{vou}] [\dots [_{AuxP}[_{Aux} \text{vou}]]]]] [_{vP}[_{v} \text{cantar}]]]]]]]$ ¹⁴ | Futuro | $uWoll[IRREALIS]$ $uT[]$ uV |

Sob o ponto de vista formal, propusemos que o verbo *ir* lexical apresentava traços iV , uma vez que não precisava se concatenar com uma projeção verbal. A reanálise ocorreu quando a criança do século XVII já atribuiu a possibilidade de o DP sujeito do verbo *ir* portar um traço [-HUMANO], o que reconfigura a ideia de que sujeitos incapazes de se locomover podem se deslocar:

(76) (Ouve-se o sino da estação e, ao longe, o arfar surdo do trem)

O trem_{[-ANIMADO] [-HUMANO]} **vai chegar!**

Além disso, mostramos que esse novo item que veicula locomoção disparou uma leitura de movimento primeiramente *imediatamente* após a fala: o verbo *ir* passa a selecionar como complemento um VP infinitivo em consequência da alteração do traço verbal para uV . A partir daí, tal verbo passa a ter propriedades de um auxiliar, não restringindo totalmente seu DP argumento externo (cf. §3) e disparando uma leitura associada a tempo, aspecto e modo, $uAsp$, $uWoll$ e uT . Nesse sentido, poderíamos falar em gramaticalização/reanálise, em que um item lexical deu origem a um item funcional (*ir* pleno → locomoção > *ir* auxiliar → prospecção); cuja realização ocorreu em uma posição mais alta da árvore: primeiramente *ir* lexicalizava uma camada lexical, em um segundo momento passa a lexicalizar uma camada funcional auxiliar, mais alta, ou seja, um caminho ascen-

¹⁴ Cf. Nota 11.

dente: (VP > AuxP). O fato de *ir* prospectivo ter ganhado traços (*uAsp* e *uWoll*), não perdido, e não ter se comportado totalmente como auxiliar no quesito seleção semântica do DP sujeito, pode ser um indício para afirmar que de *ir* lexical para *ir* prospectivo não houve uma reanálise *completa*, mas um passo para a verdadeira reanálise: que deu origem a *ir irrealis*/futuridade.

No século XVIII a criança estendeu a leitura de deslocamento temporal *imediatamente* após a fala para todos os outros contextos. Ainda um núcleo funcional, esse processo reanalisou de fato o verbo *ir*, com perda de traços e movimentos: manteve-se o traço *uV*, perdeu-se o traço *uAsp* e perdeu-se o movimento de Aux-para-Asp e de Woll-para-T¹⁵, perdas prototípicas no processo de reanálise (ROBERTS; ROUSSOU, 2003). *Ir* agora não veicula mais deslocamento temporal somente *imediatamente* após a fala (propriedade do traço *uAsp*), passando a portar apenas traços *uWoll*[*IRREALIS*]. Assim, novamente, um item funcional foi criado a partir da lexicalização de uma projeção funcional mais alta: WollP na estrutura em $v < \text{AuxP} < \text{AspP} < \text{WollP}$. Nota-se que *ir* prospectivo, embora também lexicalize WollP, lexicaliza também uma projeção baixa, AspP, diferentemente de *ir irrealis*/futuridade, que lexicaliza somente uma projeção mais alta, WollP, em um percurso ascendente. Tal item seria aquele que mais tarde competiria com a forma sintética, tomando o espaço da realização de futuridade no PB.

Em síntese, sob um ponto de vista formal para a mudança diacrônica, o presente artigo propôs uma explicação para a reanálise do verbo *ir*, sugerindo que esse processo ocorreu de maneira ascendente¹⁶ e com simplificação estrutural. Assim, de lexical a funcional, *ir* disparou uma leitura de (i) movimento, (ii) prospecção e (iii) futuridade.

Referências

AMBAR, Manuela; GONZAGA, Manuela; NEGRÃO, Esmeralda. Tense, quantification and clause structure in EP and BP. Evidence from a comparative study on 'sempre'. In: BOKBENNEMA, Reineke et al. (eds.). *Current Issues in Linguistic Theory* 256. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2004. cap.1. p. 1-16.

ANDERSEN, Henning. Abductive and Deductive Change. *Language*. Washington. v. 49. n. 4. p. 765-793. dez. 1973.

¹⁵ A mesma generalização é alcançada caso *ir* tenha de se mover para T (cf. Nota 11): nesse caso, a perda de movimento, prototípica do processo de gramaticalização, refere-se à perda de movimento para a posição aspectual que dispara prospecção. Como consequência semântica, o evento não precisa mais ocorrer *imediatamente* após a fala.

¹⁶ Nossa proposta também vai ao encontro de propostas que consideram que o auxiliar é inserido diretamente na zona TAM (cf. ROBERTS; ROUSSOU, 2003). Nessa perspectiva, *ir* lexical seria concatenado em VP, enquanto *ir* auxiliar prospecção seria concatenado em AspP e, finalmente, *ir* auxiliar futuridade seria inserido em WollP: um percurso ascendente.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Alguns aspectos sobre a expressão do futuro no português brasileiro: fala, escrita e representação. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 15, p. 493-523, 2016.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. O passado do futuro: uma análise diacrônica do ir + infinitivo no português europeu. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7. p. 132-150. ago./dez. 2017.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. *Sintaxe e diacronia da expressão de futuridade no PB*. 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Sobre a perda parcial do movimento do verbo no português brasileiro: a analiticização do tempo futuro. *Revista Investigações*, Recife, v. 33. n. 2, p. 1-32, 2020.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. The position of the verb in relation to the adverb sempre along four centuries: diagnosis for the (loss of) verb movement in Brazilian Portuguese. In: V Congresso Internacional de Linguística Histórica: constelações diacrônicas em homenagem a Charlotte Galves e Mary Kato, 2021a., Campinas. Unicamp: [s. n.].

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. From synthetic to analytic: The analyticization process in BP under the parameter hierarchy approach. In: III Encontro de Gramática Gerativa Homenagem a Sonia Cyrino e Maria Eugênia Duarte, 2021b., Salvador. UFBA: [s. n.].

BALDE, Moctar. *Semântica do Tempo Presente em Pulaar, Francês e Português: estudo comparativo*. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.

BRAGANÇA, Marcela Langa. A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 3, n. 3.1, p. 171-195, 2009.

BRITO, Ana Maria. Clause structure, subject positions and verb movement about the positions of sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D'HULST, Yves; ROORYCK, Johan; SCHROTEN, Jan (Ed.). *Current Issues in Linguistic Theory*. n. 221. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001. cap. 3. p. 63-85.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, Noam. *Barriers*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1986.

- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- COGHILL, Eleanor. The grammaticalization of prospective aspect in a group of Neoaramaic dialects. *Diachronica*, Amsterdam, v. 27, n. 3, p. 359-410, 2010.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CYRINO, Sonia; MATOS, Gabriela. Elipse do VP e variação paramétrica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, n. 2. p. 195-206, 2007.
- CYRINO, Sonia; MATOS, Gabriela. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese: a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 177-195, 2002.
- CYRINO, Sonia. On Richness of Tense and Verb Movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, Victoria; et al. (Ed.). *Information Structure and Agreement*. Amsterdã: John Benjamins, 2013. p. 297-317.
- DAHL, Osten. The grammar of future time reference in European languages. In: DAHL, Osten (Ed.). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2000a. cap. 6. p. 309-328.
- DAHL, Osten. Verbs of becoming as future copulas. In: DAHL, Osten (Ed.). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2000b. cap. 8, p. 351-364.
- DUARTE, Maria Eugênia et al. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1883-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ELLIOTT, Jennifer. Reallis and irrealis. Forms and concepts of the grammaticalization of reality. *Linguistic Typology*. Berlin. v. 4. n. 1. p. 55-90. 2000.
- FRAWLEY, William. *Linguistic Semantics*. Hilssdale: Lawrence Erlbaum, 1992.
- GIBBON, Adriana. *Trajetória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2014.

GIORGI, Alessandra; PLANESI, Fabio. *Tense and aspect: From semantics to morphosyntax*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

GONÇALVES, Alcione. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. *Domínios de Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 393-417, 2012.

GONÇALVES, Anabela; COSTA, Teresa da. *Auxiliar (a) Compreender os verbos auxiliares: descrição e implicações para o ensino do Português como língua estrangeira*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2002.

HARWOOD, William. Being progressive is just a phase: celebrating the uniqueness of progressive aspect under a phase-based analysis. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 33, n. 2, p. 523–573, 2015.

LIGHTFOOT, David. *How New Languages Emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LIGHTFOOT, David. *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1991.

LIGHTFOOT, David. *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

LIMA, José Pinto de. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em português. In: SILVA, Augusto Soares da (Org.). *Linguagem e cognição*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 2001. cap. 6. p. 119-145.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. Dependências morfossintáticas: a relação verbo auxiliary forma nominal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 457-489, jun./dez. 2006.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não finitos. 2011. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATEUS, Maria Helena Mira; et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATOS, Gabriela; CYRINO, Sonia. Eclipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. *Revista da Abralín*, Fortaleza, v. 26, p. 386-390. 2001.

MIOTO, Carlos. Algumas considerações sobre o presente do indicativo. Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, n. 10, 1985. Faculdade do Sagrado Coração, Bauru. 1985. p. 16-21.

MULLER, Ana; BERTUCCI, Roberlei. O aspecto e a interpretação de presente em línguas passado/não-passado versus línguas futuro/não-futuro. In: PILATI, Eloisa;

MOREIRA, Bruna (Org.). *Estudos Formalistas das Línguas Naturais*. Campinas: Pontes, 2018. p. 11-48.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and the interpretability of features. In: KARIMI, Simin; SAMILAN, Vida; WILKINS, Wendy (Ed.). *Phrasal and Clausal Architecture: Syntactic Derivation and Interpretation*. Amsterdã: John Benjamins, 2007. cap. 14. p. 262- 294.

POLLOCK, Jean- Yves. *Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP*. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, MA, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

REINTGES, Chris; CYRINO, Sonia. Analyticization and the syntax of the synthetic residue: A macrocomparative perspective. In: MARTINS, Ana Maria; CARDOSO, Adriana (Org.). *Word Order Change*. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 179-201.

RESENDE, Maurício; ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Os verbos ir, dever e poder e seus infinitivos: sintaxe interna e externa. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. v. 27. n. 2: Formal Grammar Studies. p. 935-966. 2019.

RESENDE, Maurício. *A morfologia distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica*. 2020. f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

ROBERTS, Ian. A formal account of grammaticalisation in the history of Romance futures. *Folia Linguistica*, Berlin, v. 26, n. Historica, p. 219-258, 1992.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. *Syntactic change: a Minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

ROBERTS, John. Modality in Amele and other Papuan languages. *Journal of Linguistics*. Cambridge. v. 26. n.2. p. 363-401. set. 1990.

SCHMITT, Cristina. Cross-Linguistic Variation And The Present Perfect: The Case Of Portuguese. *Natural Language & Linguistic Theory*, Berlin, v. 19, n. 2, p. 403-453, 2001.

SILVA, Amós Coêlho. *Ars latina: curso prático da língua latina*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WURMBRAND, Susi. Infinitives are tenseless. *University of Pennsylvania Working Papers*, Filadélfia, v. 13, n. 1, p. 407-420, 2007.



Data de submissão: 30/07/2020

Data de aceite: 16/10/2020